O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS — SABBADO 16 DE JUNHO DE 1888 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 3:700

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Asylo-Escola districtal.—A verdade historica.—Ainda a questão das irmãs hospitaleiras.—Caminho de ferro do Valle do Vouga.—Commissão districtal.—Noticiario.—Sessões parlamentares.—Parte official.—Pagina litteraria: O passado, *por Maria Amalia Vaz de Carvalho*; Papoulas e peonias, *por Agnello Oscar*; Folhetim, Ivanhoé ou o regresso do cruzado.—Correio de Lisboa.

AVEIRO

AZYLO-ESCOLA DISTRICTAL

Os actos bons tem em si mesmos a sua eloquentissima defeza. Póde a calumnia desvirtual-os, mas não destruil-os; pódem a inveja ou o facciosismo amesquinhal-os, mas não estorvam a realisação fecunda dos seus benemeritos effeitos.

Era uma obrigação legal da Junta Geral d'este districto, imposta pelos artigos 54 n.° 4 e 62 § 1.° do Cod. Adm., e pelos artigos 43 e 44 do Decreto de 5 de janeiro de 1888, a fundação d'um Azylo-Escóla de artes e officios, para sustentação e educação, não só dos expostos a cargo da mesma Junta, como tambem de todas as crianças desvalidas e abandonadas maiores de 7 annos.

A Junta Geral cumpriu esse dever fundando o azylo em sessão de 1 de abril ultimo, e realisando portanto um dos mais urgentes, mais uteis e mais sympathicos melhoramentos moraes do districto. N'esse azylo, sufficientemente dotado, vão ter agazalho bom, educação sã, e desde já instrucção primaria elementar e complementar, numerosas criancinhas que por abandono, falta ou pobreza dos paes, andam por ahi aos baldões da desdita, ignorantes, esfomeadas, núas, até irem povoar as espeluncas do vicio e as casas de correcção.

Teem as camaras municipaes obrigação de amparar os expostos e os menores desvalidos, mas só até aos 7 annos; chegando a essa idade, são entregues á Junta Geral, que até agora não tinha destino algum util a dar-lhes, casa alguma onde podesse recolhel-os, meios alguns de prover convenientemente á sua sustentação, educação, instrucção e collocação.

Podia porventura continuar a deixal-os por ahi, por todos os cantos do districto, ao inteiro desamparo, alvos da seducção d'uns, da especulação d'outros, do egoismo de todos, victimas da inclemencia da sorte, da imprudencia da idade e da fragilidade da infancia, prejudiciaes a si proprios, inuteis e prejudiciaes á sociedade, a que pertencem e que lhes pertence tambem? Quem a desculparia, se o fizesse?

Podia confial-os, como pensionistas, a qualquer estabelecimento de beneficencia ou de ensino, existente no districto? A qual, se nenhum havia nem ha em condições de os receber?

Porque é preciso que se saiba: não ha em todo o districto estabelecimento algum onde essas numerosissimas crianças, d'um e d'outro sexo, e em tão tenra idade, podessem ser collocadas, em medianas condições de ensino que fosse.

Occorreu á Junta Geral a ideia de os arrumar no *Asylo de José Estevão*, e approvando a proposta da Commissão executiva, auctorisou-a ha mais d'um anno a combinar com a direcção d'aquelle estabelecimento de mera beneficencia as condições d'essa arrumação. A Commissão Executiva convidou instantemente a direcção do asylo a que promovesse a sua reorganisação por fórma a dar garantias de approveitamento aos alumnos pensionistas que teriam de lhe ser confiados. Aquella benemerita direcção, porém, mais d'uma vez declarou que o asylo não tinha recursos para dar á sua organisação o desenvolvimento que para isso era mister, e não podia portanto tomar sobre si o encargo de sustentar, educar e instruir todas essas crianças, nos termos exigidos pelas necessidades da sociedade moderna. Portanto, teve de abandonar-se essa ideia.

Effectivamente, esse Azylo, sympathica e benemerita instituição, pelo pensamento que a dictou, e pela honesta e boa administração que tem tido n'estes ultimos annos, nunca poderá corresponder cabalmente aos desejos dos seus fundadores e directores. Constituido por uma associação de subscriptores de 100 reis por mez, cujo numero augmentava ou diminuia segundo o zello ou desmazello das respectivas administrações; gerido por uma direcção eleita por esses mesmos subscriptores eventuaes, e que por tanto umas vezes era sollicita e proba como nos ultimos annos, outras vezes deixava praticar actos que o respeito pelo tumulo nos impede de lembrar; mantido sómente por esmolas, e principalmente por subsidios da propria Junta Geral, e das camaras municipaes, juntas de parochia, irmandades e confrarias do districto, a sua existencia tem sido tão precaria, tão misera, e tão angustiosa, que seria realmente um perigo e em todo o caso uma inconveniencia augmentar-lhe os seus encargos. Mas peior ainda: é tão mesquinha, tão acanhada, tão defeituosa a organisação do *Asylo de José Estevão*, que nenhuma vantagem de educação e ensino, e nenhuma garantia de boa collocação social podia offerecer aos menores que lhe fossem confiados. E' um azylo sómente, não é uma escola. Não tem elementos alguns de educação nem de ensino. Agazalha e alimenta os azylados como póde, e muitas vezes só póde agazalhal-os e alimental-os mal: não os ensina, não os educa, não os illustra, não os instrue, porque não tem mestres, nem professores, nem pessoal algum para isso, nem nunca os poderá ter com a sua mesquinha e misera dotação. Em taes condições a Junta Geral não lhe podia entregar os seus tutellados, por cuja sorte tem de responder perante o districto, perante a lei, e perante a sociedade.

Parecia, portanto, que o unico meio de resolver a difficuldade era reorganisar o Azylo em novas e mais largas bases com os fundos votados pela Junta Geral para esse importante serviço de assistencia publica.

Seria porém justo, seria mesmo legal, que vindo assim a Junta Geral a concorrer com 5:000$000 reis annuaes pelo menos, para as despezas do azylo, pagando portanto mais de 5/6 d'essas despezas, não tivesse ingerencia alguma na sua administração, e fosse inteiramente alheia ao seu regimen interno? Podia razoavelmente a Junta Geral confiar a gerencia de tão avultadas quantias a direcções eleitas exclusivamente por meia duzia de subscriptores que só concorreriam, quando muito, com a 40.ª parte da despeza annual do azylo? Como é que a Junta Geral havia de abdicar dos seus direitos, declinar as suas obrigações, e entregar assim os seus tutellados, e as quantias avultadas destinadas á sua educação, a corpos gerentes em cuja eleição não intervinha, a directores e mestres que não nomeava e sobre os quaes não podia exercer inspecção, e a regulamentos que não fizera, e que não podia modificar?

Por outro lado, a Junta Geral não podia impôr a sua vontade, por muito justa e muito razoavel que fosse, ao Asylo ou aos seus subscriptores, obrigando-os a reorganisar-se com desenvolvimento excedente aos seus recursos actuaes.

Portanto a Junta Geral fundou, organisou e dotou como soube, e como poude, o Asylo-Escola a que era obrigada por lei, e promptificou-se a tomar conta tambem da administração do *Asylo de José Estevão*, se os seus subscriptores assim o quizessem.

A assembleia geral d'aquelle Asylo deliberou acceitar esse offerecimento, mas impondo as mais rigorosas e cautellosas condições. E tão rigorosas ellas são, que difficilmente a Commissão Executiva as quererá acceitar. Mas quando por ventura as acceitasse, o que aconteceria?

E' que o *Asylo de José Estevão*, em vez de se extinguir, em vez de definhar, continuaria com o mesmo nome, e com o mesmo fim, mas com bases mais solidas, mais abundantes recursos, e mais larga e fecunda esfera de acção. Não seria só um Asylo: seria tambem uma escola, e escola de artes e officios. Não recolheria só creanças do sexo feminino, mas de ambos os sexos. A sua dotação certa seria de 6 a 7 *contos de* reis por anno, e não de 800 a 900 mil reis, como até agora, e eventual. Não teria limitado a pouco mais de 20, como tem, o numero dos asylados, pois admittiria no seu seio quantos exigissem as necessidades do districto. O seu pessoal gerente não seria uma simples governanta, sem obrigação e sem meios de ensino, como é, mas um corpo administrativo e docente provido em regra por concurso, com deveres grandes e responsabilidades pesadas, impostos por lei, e fiscalisado pela Junta Geral, que não é feudo de nenhum partido, pois é de eleição.

Quem é que de boa fé poderia dizer que não seria um bom serviço ao *Asylo de José Estevão* o reorganisal-o assim?

Offendia-se o seu iniciador? Em quê, se se lhe conservava o venerado nome, e não só se lhe mantinham mas até se lhe desenvolviam e ampliavam os seus benemeritos fins?

Não seria pelo contrario honrar a memoria dos fundadores pôr aquelle mesmo estabelecimento em condições de melhor realisar os bons intuitos que os animaram?

Ah! maldita inveja, que assim transtorna os mais lucidos espiritos, e gera as mais negras ingratidões!

Fartos tem sido os donativos e subsidios da Junta Geral ao Azylo de José Estevão; desde que tomou conta do administração do districto o actual governador civil, as receitas do Azylo cresceram com doações de todos os corpos administrativos e de todas as corporações de piedade e beneficencia, que elle aconselhou, persuadiu, e até coagiu legalmente a isso.

E os que nunca fizeram nada em favor d'elle, os que nem ao menos concorriam para elle com a miseria de um tostão por mez, é que se levantam agora em guerra aberta a fingir que os defendem!

Teria graça, senão fosse profundamente desolador!

Mas quem disse a esses serodios defensores d'uma instituição que não fundaram, nunca protegeram, e muitas vezes prejudicaram, que a Junta Geral estava definitivamente disposta a tomar sobre si o pezado encargo de amparar o *Azylo de José Estevão?* Acharam os seus subscriptores que era util e proveitosa a fusão; todos os que tem sincera sympathia e verdadeiro interesse por aquella casa reconhecem que era este o melhor, senão unico meio de o desenvolver e aperfeiçoar. Mas por isso mesmo que são precarias as suas circumstancias, mesquinhos os seus recursos, e pezadissimos os seus encargos, quererá a Junta Geral tomar conta d'elle, para supprir com as receitas districtaes o enorme *deficit* com que elle tem luctado sempre até agora? Está a commissão executiva auctorisada a combinar a fusão quando e como o julgar opportuno e conveniente aos interesses do districto; mas que lucra realmente o districto com essa fusão se ella só lhe fôr acarretar encargos?

Sabeis o unico lucro que tirava, stultos? Era exalçar a memoria de José Estevão, aperfeiçoando a instituição que foi de sua ideia, e que tem o seu nome. E mais nenhum.

A VERDADE HISTORICA

Continuamos a dar publicidade n'esta secção á segunda carta que sobre cousas da santa casa da mizericordia acaba de dirigir-nos um antigo irmão, que já foi mezario, e que parece conhecer a fundo os mysterios de certas hostilidades, rasgando assim o véu para que o publico veja melhor as podridões de algumas consciencias.

Optimo serviço está prestando áquelle estabelecimento hospitalar o antigo irmão, que diz verdades, sem se importar que ellas agradem ou desagradem a quem quer que fôr.

Chamamos pois sobre esta nova carta a attenção da parte sã da nossa população civil. Habilitem-se todos a julgar imparcialmente uma causa que, como diz o correspondente, devia ser estranha á politica, mas de que só a politica tem tratado para explorar as paixões.

Amigo e sr. redactor.—Como v. publicou a minha carta, precedendo-a de palavras que me estimulam a continuar na prelenda, ahi vae mais carga, e a quem doer que se aguente. E todavia creio não ter insultado ninguem, nem feito injuria ás intenções d'alguem.

Agradecendo-lhe a publicidade das linhas que tracei, permitta-me que conte mais alguns episodios curiosos da historia do hospital d'Aveiro. E digo curiosos, não obstante o pouco ou nenhum cuidado com que vejo por ahi tratada esta questão, que devia merecer mais attenções á gente séria, para que se fizesse com ella menos politica.

Começarei. A administração da casa era o enfermeiro que, como v. muito bem disse, tratava de fazer a boca dôce aos fornecedores que eram tambem mezarios. Ora aquelle sujeito mandava vir vinho fino do Porto, o qual lhe custava a duzia de garrafas a reis 1$920, ou sejam 160 reis cada uma. O caixão contendo o genero depositava-se fóra do hospital, onde se ia buscar á proporção que os facultativos receitavam aquelle cordeal aos doentes. E sabe v. quanto o hospital pagava por cada garrafa de zurrapa? 500 reis, lucrando o homem 340 reis, o que na *duzia dava um resultado* de 4$080 reis!...

Já se vê que isto era um lucro de arregalar o olho. E consentia-se isto, porque mezarios e enfermeiro eram pessoas que se entendiam muito bem, e tanto que elle criava e cevava porcos á custa da casa, embolsava boas libras d'esta industria, e quando alguem se levantava em meza contra semelhante escandalo, lá estavam os protectores, que eram tambem protegidos, para sustentar os interesses particulares do enfermeiro, embora com isso soffresse a administração e ficasse prejudicado o hospital, e consequentemente os direitos e as conveniencias da pobreza, que recebe conforto e tratamento d'aquelle estabelecimento de caridade.

Mas ha talvez mais e melhor e que eu vou dizer sem ter receio de que me insultem ou contrariem.

De vez em quando os lençoes velhos levam baixa, auctorisando a meza que sejam desfeitos para ataduras, chumaços, e outros uzos. Pois o enfermeiro fazia o seguinte: Tirava primeiro dois ou tres lençoes velhos, e depois tornava a mettel-os no roupeiro, substituindo-os por egual numero, mas dos que estivessem mais novos, tirava a estes a marca da casa, e guardava-os nos seus bahús. D'este modo arranjou bom enxoval, levando quando d'aqui foi roupa nova, muita e bôa, sem lhe custar um real!

E tudo isto se fazia sem que a meza ou mezas déssem fé. O homem lá tinha modos de embaçar a todos, apertando a mão aos mordomos de mez, fazendo a vontade aos que eram fornecedores e governantes, não lhes regeitando os generos, e merecendo assim as boas graças dos que dispunham dos destinos da santa caza.

Informam-me que não succede já o mesmo, e por isso é que não servem as irmãs hospitaleiras. Agora em não aparecendo as cousas conforme os contractos celebrados por os interessados, não ha consideração por ninguem. E isto não agrada, porque quem tem negocio quer ganhar sempre.

Outro inconveniente uzado pelas mezas anteriores era o de comprar-se nas tavernas o vinho aquartilhado e isto diariamente para o consumo do hospital. Pagava-o a casa por dobrado preço, além da pessima qualidade. D'este modo os doentes bebiam zurrapa, e prejudicava-se-lhes a saude. Sei que actualmente se faz o contrario, mandando vir o vinho das adegas do lavrador, o que é muito mais economico, além de ser inquestionavelmente muito mais hygienico.

Sobre o presente thema hei de colher mais informações, para que o publico seja devidamente inteirado de tudo, e para que ninguem se deixe illudir com prejuizos politicos, que não vem ao caso, nem a gente séria se importa com elles.

Na minha humilde opinião a questão do hospital deve subordinar-se só e exclusivamente ao bom tratamento dos enfermos pobres que ali dão entrada. Não se trata de fazer propaganda contra isto ou contra aquillo. Esta especie deve ter-se em vista nos casos exclusivamente politicos, taes como eleições, etc. Mas na santa casa, onde a politica deve ficar de fóra da porta, além de ser grave tal procedimento, teria como consequencia as represalias.

As irmãs hospitaleiras foram ali admittidas depois de tres tentativas, todas improficuas, da actual administração. Foi por tanto um acto de desespero, aconselhado por os exemplos de outras terras do reino, tanto ou mais liberaes que Aveiro, que a este respeito não póde querer para si privilegio. Mas quer o quizesse quer não, ninguem lh'o consentiria.

E o que fazem no hospital aquellas senhoras? Os doentes que de lá saem não se cansam de contar que não podiam ter com elles mais cuidado, que a limpeza das enfermarias, das camas e dos corpos d'elles não podia ser maior, que todo o serviço se faz a horas, que o almoço, o jantar e a ceia são bem cosinhados, e as rações abundantes; finalmente que tudo agora é ali mais bem feito, e que não ha rasão de queixa, antes motivo para louvor. E vem a proposito contar-lhe, sr. redactor, um caso que se deu ha dias n'uma venda do bairro piscatorio. Estava ali um homem fallando de papo nas questões do hospital, gesticulando com modos avinhados contra as irmãs hospitaleiras, dizendo que ellas não prestavam para nada, que não prestavam bom serviço, etc. Eis que entram dois cavallarias, e tomaram parte na discussão. Ambos elles disseram o seguinte:

— Nós temos estado por vezes no hospital, já no tempo dos outros enfermeiros, já depois que lá estão aquellas senhoras. E podemos affiançar que o tratamento agora é muito melhor, não só porque ha cuidado com os doentes, mas tambem porque a alimentação é mais e é melhor».

O mesmo homem não attendeu porém ao depoimento conscienciosо dos dois cavallarias, e continuou a dizer mal das irmãs hospitaleiras, a ponto dos soldados declararem:

— Tudo isso quanto você diz é falso, e já vêmos que não faz caso da verdade; pois se continua trataremos de convencel-o com argumentos de mais força.»

O tal sujeito calou-se, sahindo da venda com receio de que as cousas cheirassem a esturro.

Foi este um dos signatarios da famosa representação da irmandade. Queria ser enfermeiro, e como não o admittissem com o fundamento de frequentar de mais as capellinhas do Bacho, vinga-se d'aquelle modo da preterição.

Procurem-se, amigo e sr. redactor, as causas das quizilias de certa gente contra as irmãs hospitaleiras, e creia que se uns são por politica acintosa e andam com representações, combatendo-as para chegarem atravez dos vultos d'ellas aos seus adversarios de todos os dias, outros fazem-n'o por interesse, ou porque lhes tapam o logar que pretendiam, ou porque não lhes consentem que façam ganancia com os fornecimentos da casa.

Um homem notavel da França dizia quando em Pariz se praticava qualquer crime—*Cherchez la femme.* Eu modificarei o aforismo dizendo—*Procurae o negocio.* Desde que a politica se transformou em negocio, nem os hospitaes escapam á sanha das negociatas.

Já vae longa esta carta. Para a outra vez, se m'o consentir, me occuparei ainda da celebre representação enviada ás côrtes, e que se dizia, para arranjar assignaturas, que era apenas uma adhesão ao comicio de Lisboa contra os jezuitas. E não foi: nem de jezuitas sequer tratava o tal papelucho. D'estes bichos não ha em Aveiro, e por isso não mettem medo a ninguem. Contra as irmãs hospitaleiras é que isso era, não por ellas, que não fazem mal a ninguem, antes fazem o bem que podem no tratamento dos doentes pobres: mas só e exclusivamente por acinte faccioso contra v., sr. redactor, que as chamou para lhes confiar a direcção das enfermarias da santa caza.

Dará este assumpto margem a outra correspondencia, e se me tornar massador, feche-me a porta.

De v. etc.

Aveiro 15 de junho de 1888.

Um irmão que já foi mezario.

AINDA A QUESTÃO DAS IRMAS HOSPITALEIRAS

D'um cavalheiro nosso amigo acabamos de receber a seguinte carta:

Meus amigos.—Sou um velho caturra, e tão caturra que me lembro ainda dos bons tempos em que se pelejava por os principios, pelas ideias, e pela fé politica, e não pelos homens, como hoje, desgraçadamente.

Estou velho, caduco, e cá vou arrastando o meu arcabouço sabe Deus como, e espantado com a predica da liberdade que por ahi se diz em toda a parte, sem que se comprehenda ou tenha a menor noção do que seja essa liberdade.

Ora vou eu dizer-lh'o, visto que me veio á mão um jornal no qual se atacam sem dó nem piedade as irmãs da caridade, e atacam-n'as por serem contrarias—dizem elles—á liberdade, e contra a democracia.

Pois, no meu fraco entender, a oração deve-se tomar pela passiva, como me ensinou o meu fallecido professor de latim, que era um sabio, e sabia pelo menos escrever com melhor grammatica, que a grammatica parda dos modernos catões da liberdade.

Diz o artigo 6.° da Carta Constitucional, esse codigo fundamental da nação, feito á custa de muito sangue, que a Religião Catholica Apostolica Romana é a religião do Estado.

E diz mais n'outro artigo: que ninguem póde ser obrigado por motivos de Religião com tanto que não offenda aquella.

Bem. Dito isto, as irmãs da caridade, ou hospitaleiras, são reconhecidas pelo Papa e pelo Estado. São uma parte da Egreja, porque constituem um nucleo da religião, e essa religião é a catholica, apostolica romana. Logo, ninguem tem direito de reclamar contra ellas, porque não pertencem aos antigos conventos que por lei de D. Pedro IV e referendada por Joaquim Antonio d'Aguiar foram extinctas no continente e ilhas adjacentes.

As irmãs hospitaleiras não são monjas. Professam sim uma lei egual á do clero, mas como não vivem sob o regimen conventual ou monastico, o governo não póde expulsal-as, e ninguem póde requerer contra ellas, nem insultal-as, nem offendel-as.

Pois se nós temos a Religião Catholica Apostolica Romana como religião do Estado, claro está que tudo o que pertencer a essa religião está a coberto de quaesquer manifestações particulares ou collectivas.

Isto pelo lado da lei fundamental. Agora pelo lado da questão da liberdade, von eu perguntar a esses homens que gritam contra as *Irmãs da Caridade* o que entendem elles por liberdade?

O que se chama um paiz livre? Aquelle que respeitando o pensar de cada um, admitte no seu gremio todos os principios, todas as religiões, todas as seitas, todas as politicas, todas as manifestações do pensamento. Que aceita o Genio do Christianismo de Chateaubriand no lado da Encyclopedia de Voltaire, e das objurgatorias de Luthero e Calvino. Que junto do hypocrita, do carola, do beato, admitte o socialista, o livre pensador, o religioso sem exterioridades.

Pois a liberdade é repellir do paiz umas pobres senhoras, que basta serem mulheres para nem se lhes tocar com uma flor, e vêm dizer que adoram a liberdade, esses que apenas a conhecem por egoismo?

Oh! sr. redactor, por amor de Deus peça ao doutor Craveiro que metta esses desalmados em Rilhafolles!

O que diabo entendem elles por liberdade? O insulto? a veniaga? o descredito? a pedrada do garoto?

Olhe que eu sou liberal, pelejei junto do Sá da Bandeira no alto da Bandeira, na Cruz de Morouços, na Villa da Feira, e até hoje não quiz um Deus para mim e o diabo para os outros.

Eu entendo a liberdade por o que ella é, pelo que ella significa, pelo seu nome grandioso, e *não por essas patifarias que* diariamente se praticam a coberto d'aquelle principio de humanidade.

Ai, meus amigos! Estou velho, e mal posso escrever, pois se podesse eu diria muito e muito d'essa gente que prega a moral nas orgias, como a mulher devassa prega honestidade nos lupanares.

Insultam as *irmãs da caridade*, porque insultam a Deus, ao rei, aos ministros, a todos os que não commungam as suas ideias.

Bem disse Christo: *Pater dimitte illis quod nesciunt quod fasciunt.*

Sei que v. v. vão ser insultados por eu escrever este punhado de verdades; que lhe hão-de attribuir esta carta, e serão tão estupidos que não saibam o que disse Buffon —o estylo é o homem. Bem sabem elles quem era Buffon.

Quem elles conhecem é Felix Pyatt, Karl Maxk; e nem esses talvez. São uns pandegos de gosto.

Deixem-se insultar, deixem vomitar essas viboras todo o veneno, porque é a apotheose do seu carinho para com umas infelizes mulheres que não pódem defender-se.

Adeus, até breve.

Seu amigo e correligionario

Algures do districto, 15 de junho de 88.

Y.

Ao que acaba de ler-se nada temos que accrescentar.

CAMINHO DE FERRO DO VALLE DO VOUGA

A Commissão Executiva da Junta Geral d'este districto, e as camaras municipaes dos concelhos de Aveiro, Estarreja, Ovar, Albergaria a Velha, Sever do Vouga, Oliveira de Azemeis e Cambra vão representar á camara dos srs. deputados para que seja incluida a importante linha ferrea do Valle do Vouga na proposta da rede complementar dos caminhos de ferro ao norte do Mondego. Algumas d'essas representações já foram entregues ao sr. dr. Barbosa de Magalhães, illustre deputado por Ovar, para as apresentar em côrtes.

Consta-nos que em Castello de Paiva se vai tambem realisar um comicio popular instando pela approvação da proposta de lei para a construção da linha ferrea de Mangualde a Recarei, a qual, até S. Pedro do Sul, é commum á do Valle do Vouga.

Todos os que se interessam pelas prosperidades do districto de Aveiro deviam prender a este assumpto a sua attenção, e envidarem n'este sentido os seus esforços. Nós, pela nossa parte, pugnaremos energicamente por este melhoramento importante que é de tão largo alcance para o progresso do nosso districto, e do de Vizeu, louvando e acompanhando os beneméritos deputados Bandeira Coelho e Barbosa de Magalhães que já em côrtes propugnaram por elle tambem.

Estamos certos de que os esforços nossos e d'elles serão coroados de bom exito, e que a construcção d'aquella linha não ficará preterida por outras que valem menos e são menos uteis do que ella. Fiamos isso do patriotismo do parlamento e do nobre ministro das obras publicas.

COMMISSAO DISTRICTAL

Sessão de 9 de julho de 1888

Presidencia do ex.mo sr. Visconde de Valdemouro.

Presentes, o vogal substituto o sr. José Pereira Junior, e o secretario Manuel Pereira da Cruz.

Aberta a sessão pelas 10 horas da manhã do dito dia, a Commissão districtal executiva da Junta Geral tomou conhecimento dos seguintes negocios:

Foi-lhe presente o balanço do movimento do cofre da Junta Geral durante a semana finda em 3 do corrente, sendo a receita o saldo que passou da semana antecedente na importancia de 9:195$834 reis, e a despeza de 81$666 reis, passando para a semana seguinte um saldo da quantia de reis 9:114$168, sendo 649$950 reis representados por papeis de credito e o resto em metal; existindo mais em cofre 282 obrigações de 90$000 reis nominaes cada uma de 5 por cento, relativas ao emprestimo contrahido com a Companhia Geral de Credito Predial Portuguez.

Deliberou remetter á direcção das obras publicas d'este districto, para informar, o projecto e orçamento, em duplicado, do lanço da estrada municipal de Mello á real n.° 40, no concelho de Paiva, comprehendido entre o logar da Ladroeira e da dita estrada real.

Deliberou satisfazer á solicitação da camara municipal da Feira, constante da acta da sua sessão de 23 de maio de 1888 corrente, em declarar para os devidos effeitos que não usa do direito de suspensão relativamente á deliberação tomada pela mesma camara na dita sessão para a acquisição de terrenos para a construcção do edificio thermal de S. Jorge.

Deliberou satisfazer á solicitação da camara municipal de Vagos constante do seu officio n.° 134 de 5 de junho de 1888 corrente, em declarar para os devidos effeitos que não usa do direito de suspensão com respeito á deliberação tomada pela mesma camara em sua sessão de 5 de maio d'este anno, ácerca do aforamento d'uma pequena porção de terreno barreiro, sito no Cabeço das Pedras, com tanto que se observe a doutrina do art. 389 do Codigo Administrativo.

Finalmente foram presentes as contas *da Commissão Administrativa* do corpo de policia civil d'este districto relativas ao mez de maio ultimo, deliberando-se passar o recibo no duplicado do respectivo resumo.

NOTICIARIO

Passagem. — Passou hoje na estação d'esta cidade o nosso estimadissimo amigo o sr. Joaquim Anthero de Carvalho. S. ex.ª vem do Brazil, onde sustentou sempre os creditos de bom e honrado portuguez. Vem com suas ex.mas esposa e filhas passar algum tempo na provincia da Beira e na terra da sua naturalidade. O nosso amigo conta ficar hoje em Coimbra, onde será hospede do seu parente e amigo o sr. Bazilio Augusto Xavier d'Andrade.

Que goze no paiz todas as venturas de que é digno, é todo o nosso desejo.

Seis dias.—Foi a pequena duração na vida d'uma existencia immaculada e debil, a curtissima existencia d'um pequenino ser, que, como á pallida rosa-chá, o gelado sopro da dôr estiolou á força, deixando apenas, como suavisação unica ao peito apunhalado d'uns paes, o candido aroma indicador d'essa passagem vaga e dolorida sobre a terra.

O nosso prestante amigo e distincto clinico, sr. dr. Luiz Regalla, digno medico da real camara, acaba de perder um filhinho mais, quasi nas circumstancias afflictivas do primeiso.

Seis dias só de vida, passados no cruciantissimo penar d'um soffrimento immenso, no amarrissimo desespero de uma agonia lenta, é o quanto póde haver de horrivel, de suffocador para o amantissimo peito d'um extremoso pae, é o que mais póde varar a punhaladas, fibra a fibra, um coração de mãe, quando, na luz já tremula d'aquelle olhar já baço, vê para sempre evolar-se a luz dos olhos seus!

Filho! nome sublime, sagrado nome que a nossa alma canta! E vêl-o sumir-se assim na voragem do nada, vêl-o desaparecer-nos para jámais voltar. Deus! quanto custa, quanto acrucia esta lembrança só!

Nada uma vida n'uma gota d'agua!
do polen d'uma flor nasce outra flor.
...E ao coração d'um pae dá-se esta magua!
e a um coração de mãe dá-se esta dôr!

Rosa na formosura e no dulcissimo perfume da alma, nos espinhos do soffrimento e nos pungentissimos tormentos da agonia, essa gentil creança, essa infeliz creança, viveu aquillo a que nós chamamos viver a vida das rosas. Desesperadora lembrança esta: ter por caricias tantos beijos intimos, e ter por berço a escuridão d'um tumulo!

. . . . . .

Vae n'estas linhas simples a sinceresissima expressão do nosso profundo sentimento. Vae com ellas o lealissimo pezame de quem soffre ao vêr soffrer uma familia intima, e assim o creia o seu respeitavel chefe, com quem pranteamos a perda do innocente filhinho.

Audiencia geral.—Teve logar na quarta-feira um importante julgamento em audiencia geral d'esta comarca. Os RR. José Simões Morgado, Manuel Ferreira Borralho e Manuel Simões Morgado eram accusados pelo ministerio publico de haverem maltractado gravemente João Sarrico, d'Ilhavo. O tribunal estava a trasbordar de espectadores. A discussão durou muitas horas. Foram brilhantissimos os discursos de accusação e defeza. O dignissimo agente do ministerio publico foi vehemente e energico, tirando todo o partido que poude dos poucos elementos de prova que os autos lhe forneciam. O advogado de defeza, sr. dr. Barbosa de Magalhães, foi eloquente e brilhante, demonstrando que a innocencia dos réus era manifesta e que a accusação era inane. Entre os dois oradores trocaram-se repetidas expressões de cordeal estima pessoal e de reciproca admiração e respeito, para que o publico não podesse nunca interpretar erradamente o calor de convicção e a energia de phrase, com que cada um se estava desempenhando da sua augusta missão. Os réus foram todos tres absolvidos. A audiencia terminou pelas 8 horas da noite.

Reunião. — A'manhã deve reunir-se na egreja da Apresentação a irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia da Vera-Cruz, a fim de se proceder á eleição da nova direcção. O annuncio vae na respectiva secção.

Apeadeiro d'Avanca—Desde ámanhã em diante os comboyos mixtos n.os 1 e 2, entre Lisboa e Porto, e n.os 19 e 20, entre Aveiro e Porto, terão uma passagem ao kilometro 294,500, entre Estarreja e Ovar, para receberem e deixarem passageiros em Avanca, freguezia importante do concelho d'Estarreja.

Trabalho no mar.—Em toda a semana que hoje termina, só houve trabalho no mar na segunda e na terça-feira. Depois mar sempre crescido e vento forte, que impediu todo o serviço de pesca. Hoje ha mais calma, mas ainda assim não se crê que possa haver trabalho, e se o houver será tempo e capital perdido, porque a ventania que tem corrido affastou ás pescas.

Trabalhos marnotaes.—Vão adiantados os trabalhos nas marinhas—tão adiantados que se o tempo continuar assim, dentro de poucos dias haverá sal novo.

Publicações.—O arrojado editor, David Corazzi, de Lisboa, acaba de fazer acquisição d'um livro, escripto pelo nosso presado collega, Marques Gomes, sobre a *Mulher, apontamentos para a sua historia*, e que deve fazer parte da collecção Bibliotheca do povo e das escolas. Para o mesmo editor e com o mesmo fim tambem o nosso dilecto amigo está escrevendo um livro sobre a *Maria da Fonte*.

— Temos presente o fasciculo 15 dos Dramas d'Africa, explendido romance de Leite Bastos e edição da casa Corazzi, de Lisboa.

Festividade do Espirito Santo em Vagos.—Nada mais suave, mais harmonioso, mais sublime, do que uma funcção religiosa na egreja. Ao entrarmos no templo sentimos a doce sensação que provém da suavidade dos canticos sacerdotaes, de mistura com as notas harmoniosas, com as doces vibrações da orchestra, que esparge pelos ambitos do templo os dulcissimos sons da musica sagrada; respira-se ali as odoriferas exalações do incenso, cujo fumo sóbe airosamente em graciosas espiraes até perder-se no tecto, impregnando a atmosphera de suaves aromas que produzem o enlevo do espirito e na alma a meditação.

Queremos fallar da pomposa e edificante festividade que, no dia vinte de maio passado, se celebrou na parochial egreja de Vagos em honra do Divino Espirito Santo, a qual foi mais uma vez a manifestação imponentissima, a affirmação solemnissima e publica do espirito altamente catholico que domina não só os povos d'esta como os das freguezias circumvisinhas

Quando n'esse dia entramos na egreja de Vagos o nosso coração se dilatou e o nosso espirito se arrebatou ao contemplar a profusão de lumes, a abundancia de flores naturaes e artificiaes, as franjas e bambinellas que adornavam os altares, os cortinados que cobriam as paredes do templo, as alfaias de oiro e prata ao serviço do altar, os paramentos de custoso preço, as harmonias de grande orchestra que do côro revoavam; ao contemplar o rosto candido e meigo da Virgem de Nazareth, no seu andor, adornada de seda branca bordada a prata e oiro!... Oh! a nossa alma em presença d'este quadro maravilhoso parecia encontrar-se n'um Eden perfeito!

A's onze e meia horas principiava a missa cantada, cujo officiante era o ill.mo e rev.mo sr. Padre João Mendes Esteves, muito digno parocho encommendado d'esta freguezia, acolytado por dois clerigos da mesma freguezia.

Ao approximarem-se do altar, e depois da inclinação profunda ao SS. SACRAMENTO, começam a ouvir-se do côro suaves e meigos canticos, misturados com as mais doces vibrações do instrumental, entoando solemnissimo *Tantum-Ergo*.

Esta excellente peça musical, composição inspirada do maestro Rossini, foi tão brilhantemente executada pelos srs. Delfim de Mello, Antonio Fragoso e Antonio Victorino, que, se não fôra o receio que temos de offender o melindre de tão suaves e mimosos cantores, diriamos que do primeiro sahiam uns sons tão ternos, tão ternos, que bem podiam assimilhar-se aos arrulhos da meiga e innocente rôla pouzada no ramo do alto pinheiro do campo; que do segundo, artista delicado e correcto, se ouviam de vez em quando melodias tão variadas que só o rouxinol, nos copados arvoredos, á hora do crepusculo, assim as podia modelar; que o terceiro, artista vigoroso e encantador, derramava sobre o nosso espirito uma tão suave alegria por vermos a fórma como elle traduzia o espirito religioso de tão angelica composição muzical, que, somos levados a dizer que o sr. Antonio Victorino é o conquistador de applausos, é o enlevo d'aquelles que teem a ventura de o escutar. Os nossos parabens a tão habeis artistas. Foi tão completa esta execução, tão bem traduzida e tão bem acompanhada por todo o instrumental que mereceu ser acolhida com geraes manifestações de agrado.

N'esta pomposa festividade couberam este anno as honras do côro á afamada philarmonica da Vista Alegre, cujo eminente director é o nosso amigo e patricio o sr. Joaquim Martins Rosa. Cantaram a celebrada missa de Rossi acompanhada a grande instrumental, a qual produz, sempre que se ouve, a mais extraordinaria impressão. E' digno de notar-se o modo porque foram cantados os solos *Laudamus* e *Gratias*, duo, pelos srs. Roza e Delfim de Mello. Do segundo já fallamos; e tudo e que d'elle dissermos, parece-nos sempre pouco. Emquanto ao sr. Roza, que desempenhou o papel de baixo, diremos que, pelo modo como dirigiu os trabalhos do côro e como cantou as partes que lhe couberam por sorte que todos eram d'uma concepção longa e arrojada, mostrou ainda mais uma vez os seus dotes de artista consumado. O sr. Rosa não é um artista vulgar. Por varias vezes se tem apresentado ao publico com os seus dignos e habeis discipulos, em logares bastante exigentes, a executar peças de grande responsabilidade e teem obtido sempre um exito notavel.

Nós conhecemos perfeitamente que é um arrojo da nossa parte dizermos qualquer coisa d'este ramo das Bellas Artes em que o sr. Rosa tem grangeado tantos e merecidos louvores, porque não temos voto na materia; mas em fim, tambem temos o direito de emittir a nossa opinião sobre qualquer ponto d'artes ou sciencias, embora ella não tenha bom acolhimento ou aceitação. Os nossos cordeaes parabens ao sr. Rosa. Continuamos na apreciação das partes da missa.

O terceto *Domine Deus* foi executado pelos srs. Antonio Fragoso, Miguel Santhiago e Manuel da Silva. Antonio Fragoso, como já dissemos, é o cantor de ininterrompidas séries de melodias meigamente coloridas.

Miguel Santhiago é um cantor seguro, claro na expressão, arrojado na voz, melodista fogoso, conquistador de unanimes e repetidos applausos. Miguel Santhiago é um cantor dominado do espirito religioso e inspirado pela fé, por esse sentimento que tem feito heroes e ainda hoje faz grandes genios. Louvores ao nosso cordeal amigo. Manuel da Silva houve-se, como sempre que se apresenta em publico, por fórma a atrair os seus ouvintes para um mundo de delicias, para um mundo cheio d'encantos. Tal foi a doçura com que cantou. Parabens ao sr. Silva. Mais ouvimos cantar ao sr. Santhiago o *Qui tollis* e o *Qui sedes*, solos que foram acolhidos com o applauso fervoroso dos assistentes. Ainda coube ao sr. Mello o solo *Quoniam* e o *Cum Sancto Spiritu*, côro final; soberbo trecho musical que teve uma execução brilhantissima.

Muito desejavamos escrever n'esta humilde narração o nome de cada um dos artistas que formam a philarmonica de que temos fallado, para a cada um tecer um elogio, mas o pouco tempo de que podemos dispôr e as apertadas columnas d'um jornal não nos consentem que o façamos. Hajam pois de desculpar esta falta que não podemos remediar. No meio porém de todo o instrumental, artisticamente afinado, sobresahiam, porque a composição da musica assim o permittia, um clarinete e uma flauta. Aquelle tocado pelo sr. Antonio Maria Morgado, e esta pelo sr. José Maria Sarabando.

Vimos que cada um no seu instrumento é artista eximio. Os nossos louvores.

Com o maior respeito e submissão d'aqui saudâmos tambem o sr. Duarte Ferreira Pinto Basto, digno representante da historica casa da Vista Alegre e proprietario da fabrica de porcellana da mesma casa, em quem a philarmonica, formada toda d'empregados da sua fabrica, tem encontrado e ha-de encontrar sempre um braço forte para a proteger, não só com a influencia e auctoridade do seu nome, mas ainda com meios pecuniarios se tanto fôr preciso.

Depois do evangelho subiu á tribuna sagrada o rev.º Prior d'Oitil, sacerdote muito digno e illustrado. Sua ex.ª foi ouvido aqui pela primeira vez. Prégou de manhã e de tarde; e nos seus discursos desenvolveu admiravalmente, com a suavidade de sua linguagem e com os dotes d'uma intelligencia já provada os assumptos que se propoz demonstrar.

No discurso da manhã, em estylo aprimorado, de que tanto sabe uzar, provou, quanto em si coube, o estupendo milagre de, doze homens pobres, sem lettras, sem recurso algum humano, mas cheios do Divino Espirito Santo, e contra todas as potencias da terra, percorrerem o mundo inteiro, e o subjeitarem ao jugo do Evangelho. Que se os Apostolos fizessem, sem milagre, coisas tão milagrosas seria isso o maior dos milagres.

Antes de sua ex.ª começar a prégar foi ouvida do côro uma *Ave Maria*, composição sublime do maestro José Candido, e tão sublime, que foi premiada na exposição musical de Milão. Foi cantada com muita correcção e mimo pelo já decantado Delfim de Mello. Terminaram quasi ás duas horas da tarde as ceremonias da missa, á qual assistiram muitos fieis de todas as classes, em cujos rostos se viam a piedade e a devoção com que presenciavam tão pomposa e edificante festividade.

No meio, porém, d'este regosijo e alvoroço religiosos eramos acommettidos de vez em quando, d'uma idéa triste e bastante aterradora. Havia alli uma lacuna que só Deus podia prehencher! Já alli não vimos, na sua funcção predilecta, a que com tanto fervor e devoção assistiu durante cincoenta annos, o rev.mo sr. João de Miranda Ascenço, dignissimo prior d'esta freguezia, a quem um ligeiro insulto apopletico fez recolher ao repouso da cama. Deus vele por tão preciosa vida e alma tão generosa e bemfazeja que tão precisas são aos desgraçados e aos pobresinhos. Dizer o que tem sido este verdadeiro apostolo do Evangelho, respeitabilissimo pelo seu saber e rectidão, e mais ainda pela virtude, desnecessario é, porque bem alto o dizem a prosperidade da sua freguezia, e as bençãos dos que demandam, nunca em balde, as dobras do luminoso manto da sua caridade.

A's quatro e meia horas da tarde subiu de novo á cadeira da verdade, como já dissemos, o orador da manhã. Sua ex.ª agora demonstrou exuberantemente que, debaixo das especies do pão e do vinho, postas sobre os nossos altares, existem, pelo misterioso poder da oração sagrada, o corpo e o sangue de Nosso Senhor Jesus Christo, consubstancialmente unidos. Fallou d'um modo tão claro e correcto que commoveu profundamente o numeroso e selecto auditorio que attentamente o escutava.

Em seguida percorreu as ruas principaes da villa, que se achavam juncadas de flores, uma apparatosa procissão, cujo cortejo era formado pelas confrarias do Divino Espirito Santo e Senhor Jesus, de differentes grupos de anjinhos ataviados de vestidos brancos, symbolo de candura e innocencia, sendo n'ella conduzida, em rico andor, a formosissima Virgem de Nazareth.

Rematava o cortejo o palleo de custoso preço, debaixo do qual era sustentado, pelo rev.mo sr. Prior Encommendado, o SS. SACRAMENTO encerrado em volumosa e rica custodia. Atraz do palleo era conduzida, com o maior respeito e gravidade, a magnifica umbella, pelo sr. João Fernandes de Carvalho e Maia. Acompanhou a procissão a philarmonica da Vist'Alegre, tocando peças apropriadissimas a tão solemne occasião.

Terminou esta edificante procissão com a benção do SS. SACRAMENTO que os fieis receberam com o maior respeito e submissão—com os mais vivos e sinceros sentimentos de amor. Que solemne momento!

Permitta o nosso bom Deus que para outro anno possamos dizer mais.

Pedimos desculpa aos nossos leitores.

Calvão.—Junho de 1888.

Padre Claudino.

Novo caminho de ferro do Algarve.—Uma folha de Faro, dá conta do projecto de linha férrea, entre aquella cidade a Villa Real de Santo Antonio, que lhe foi confiado pelo director das obras publicas da provincia:

A directriz d'esta linha ferrea é a continuação da do estado. Passando em alinhamento recto defronte da praça da Rainha, n'esta cidade, envolve as muralhas do antigo castello em duas curvas excellentemente delineadas e prolonga-se, ao sul da collina de Santo Antonio do Alto, até passar ao norte de Olhão, ficando a estação situada na planicie entre o cemiterio e a villa, proximo da estrada real n.º 78. D'ahi segue em admiraveis condições technicas á beira mar, até entrar na Fuzeta, onde deve ser construida uma estação de 3.ª classe, ao sul do povoado.

Continua depois até Tavira, passando em frente da rua da Corredoura, em que deve ser edificada a estação, e d'ahi segue até á margem direita do Guadiana, a 500 metros para o norte de Villa Real de Santo Antonio, onde está projectada a estação *terminus*, precisamente defronte do local em que ha de erguer-se a estação hespanhola do caminho de ferro de Huelva e Ayamonte.

Além das estações referidas, projectam-se apeadeiros na Luz e Cacella, afim de servirem os interesses commerciaes d'estas importantes freguezias do littoral.

O traçado percorre, na sua maior extensão, notaveis alinhamentos rectos, com suavissimas inclinações. A obra de arte mais importante é a ponte férrea de Tavira, lançada, com um só vão de 55 metros, sobre a foz do rio que divide aquella cidade.

A estação de Faro está projectada em frente da rua do Rego, d'esta cidade, devendo ser feita a respectiva communicação por uma extensa avenida de 12 metros de largura, ficando o caes livre para o serviço do publico, situado entre as agulhas da referida estação e as da linha do estado, com serventia directa para a alfandega e para o bairro da Ribeira.

O respectivo orçamento pouco se eleva a 930 contos.

Segundo as melhores previsões, calcula-se que a construcção de toda a linha estará concluida no praso de vinte e seis mezes.

A crise ministerial em Hespanha.—Está aberta, mas não está resolvida a crise ministerial. O motivo do conflicto, pelo menos o motivo apparente, entre o ministro da guerra e o general Martinez Campos, é por muitos jornaes averbada de futil. Todavia vae produzindo effeitos graves, no ultimo conselho de ministros o governo reconheceu que a situação é delicada. Discorrendo sobre o assumpto o *Imparcial* dá estas informações:

Se o general Martinez Campos se demittir, o governo acceitar-lhe-ha a demissão. Ora como é possivel e mais que provavel que a sahida do general dê margem a certo desequilibrio nos elementos componentes da situação actual; os ministros, para o caso de que isso succeda, declaram que depositam as pastas na mão do presidente. O sr. Sagasta manteve grande reserva durante todo o conselho:

Pelas informações que podemos colher deduz-se que a crise é inevitavel e que todos os esforços empregados no conselho tinham por fim tirar-lhe o caracter pessoal e quasi militar com que se apresentava.

Affirma-se que o general Martinez Campos quer a todo o transe demittir-se de capitão general.

A'cerca dos candidatos para o novo ministerio nada ha de positivo; mas falla-se no marquez de la Vega de Armijo para a pasta do reino, e n'um amigo do general Lopes Dominguez, para a da guerra.

Puigcerver insistiu em sair, se algum dos ministros der a sua demissão.

A rainha regente de Hespanha em Valencia.—Sua magestade a rainha regente de Hespanha teve, em Valencia, a mesma enthusiastica recepção com que foi acolhida em Barcelona. Muito antes da chegada da illustre soberana, a cujo elevado e prudente criterio se deve o estado pacifico e prospero em que se encontra o reino visinho, as ruas de Valencia estavam completamente cheias de populares, tornando em muitos pontos difficil o transito.

O comboyo real chegou ás 6 horas da tarde, do dia 6, troando immediatamente a artilheria e repicando festivamente os sinos das egrejas. Quando a soberana entrou na estação, levando ao colo o rei Affonso XIII, o povo prorompeu em calorosos applausos e vivas enthusiasticos.

O alcaide de Valencia saudou, em eloquentes palavras, S. M. a rainha e seu filho offertando depois á sympathica princeza um formosissimo *bouquet*.

Trocados os cumprimentos do estylo e feitas as apresentações officiaes, S. M. entrou em um trem, tirado por seis cavallos, seguindo para o palacio.

A' sahida da estação, as acclamações estalaram phreneticamente, repetindo-se em todo o trajecto.

O aspecto das ruas era formosissimo; todas as casas ostentavam lindissimas decorações. Quando passava o trem real, cahia das janellas uma copiosa chuva de flores. De differentes casas soltavam-se pombas brancas com fitas das côres da bandeira hespanhola.

S. M. entrou na Cathedral, onde foi cantado um solemne *Te-Deum*. A' porta do templo era esperada pelo cardeal Monescillo e pelo cabido.

A soberana foi orar ao altar da Virgem dos Desamparados, levando o rei pequenino ao colo.

Junto da imagem estava um bastão de commando que o rei Affonso XII tinha piedosamente deposto no altar da veneranda imagem, quando ha annos esteve em Valencia.

S. M., finda a oração, pregou no rico manto da Virgem um alfinete de brilhantes.

Na praça do Arcebispo, offerecia um explendido aspecto a tribuna de flores mandada fazer pelas floristas de Valencia. A carruagem real parou junto da tribuna, offerecendo uma das floristas a S. M. um *bouquet* de amores-perfeitos, rosas e cravos, entretecido com grande delicadeza e arte.

A soberana esteve conversando com as floristas que constituiam a commissão delegada das suas companheiras, agradecendo-lhe a sua affectuosa manifestação.

Ao passar a comitiva por debaixo do arco, levantado pelas senhoras de Valencia, cahiu sobre o carro real uma copiosa chuva de flores. Defronte da Universidade, os estudantes, que alli se achavam em grupo, dirigiram-se á carruagem real, e entregaram á rainha uma formosissima corôa e duas petições, uma para ser creada uma faculdade de philosophia e outra para ser supprimido o curso de allemão para os matriculados antes de vigorar a nova reforma do ensino superior.

Eram quasi 8 horas quando S. M. chegou á praça de Tetuan, onde se acha a capitania geral, e onde estavam, em uma tribuna, representantes de 80 *ayuntamientos* da provincia de Valencia, que saudaram enthusiasticamente a soberana.

A' noite accenderam-se as illuminações que produziram um effeito maravilhoso. Os arcos levantados pelo exercito, tinham mais de 2:000 copos de côres. O povo que percorria as ruas gritava a espaços:

— Viva o rei e sua mãe!

Defronte do palacio agglomerava-se uma multidão espantosa; quando o jantar concluiu, S. M. assomou á janella, sendo calorosamente saudada.

A's 11 e meia da noite realisou-se a retreta militar, tomando parte n'ella 700 soldados, que conduziam archotes e acompanhavam um carro historico com umas allegorias aos factos mais gloriosos realisados pelas tropas valencianas. O povo acclamou o exercito e a rainha com estrepitosos vivas.

No dia seguinte ao da chegada, 7, houve recepção official no palacio, concorrendo a ella tudo quanto ha de mais notavel em Valencia. A's senhoras foi permittido apresentarem-se em *toilette* de passeio, por causa de terem de seguir do palacio para o Carrousel que se verificava na praça de touros. A recepção concorreram 200 senhoras.

A festa do Carrossel revestiu-se de aspectos notavelmente pittorescos e curiosos. A ornamentação era formosissima, sobresaindo o camarote real, cujas columnas e balaustrada desappareciam sob lindos cravos brancos. No centro do camarote, e sobre um fundo de cravos vermelhos, lia-se a seguinte inscripção formada por cravos brancos:

— *Viva o rei!*

As senhoras que estavam nos camarotes ostentavam *toilettes* elegantissimas, emmoldurando as suas cabecinhas graciosas em ricas mantilhas brancas.

Quando S. M. entrou foi acolhida com enthusiasticos applausos, tocando as bandas que se achavam na praça.

Principiaram depois os exercicios militares, que consistiram em differentes manobras, corridas de obstaculos, etc. As tropas foram cobertas de applausos, especialmente o batalhão de caçadores Alba de Tormes, que recebeu uma verdadeira ovação.

Esta diversão terminou com uma manobra, ao som da marcha real hespanhola, collocando-se os soldados de modo que formavam o nome de Affonso XIII.

S. M. estava satisfeitissima, elogiando muito o garbo das tropas. Elogiou tambem a bellesa das valencianas,—*las mujeres mas hermosas del mundo*, na phrase d'um hespanhol nosso amigo, com quem travamos relações em Salamanca por occasião da inauguração do caminho de ferro.

A recita de gala no theatro Principal esteve esplendidissima. Na sala, camarotes, escadaria, vestibulos, havia uma profusão enorme de cravos e flores. S. M. visitou a *Sociedade de beneficencia da Virgem dos Desemparados*, procedendo alli á distribuição de premios e esmolas.

Uma comissão representando cerca de 80 sociedades de soccorros mutuos de operarios e lavradores da provincia de Valencia, foi ao palacio entregar a S. M. uma exposição, pedindo para ser convertida em lei o projecto relativo ao credito agricola.

S. M. visitou muitos estabelecimentos de beneficencia, distribuindo muitas esmolas.

O casamento do duque de Aosta.—No domingo passado o principe Amadeu de Saboya, antigo rei de Hespanha e irmão do rei de Italia e de sua magestade a rainha de Portugal, reunia para jantar no seu sumptuoso palacio de Turim, as auctoridades civis e militares da cidade, e annunciava-lhes officialmente o seu proximo casamento com sua sobrinha, a princeza Laeticia Bonaparte, filha de sua irmã, a princeza Clotilde de Saboya e do principe Napoleão.

Dois dias antes, tinha chegado de Farnborough um telegramma, annunciando o consentimento da imperatriz Eugenia, que dará um grande dote á futura duqueza de Aosta.

Este telegramma fôra transmittido para o Quirinal, onde se achava o duque de Aosta a despedir-se do rei e da rainha de Italia.

O duque de Aosta nasceu em Turim a 30 de maio de 1845.

Em 1867, desposou a princeza Maria Victoria del Pozzo della Cisterna, cuja mãe pertencia á familia Mérode.

Teve d'esse casamento tres filhos: o duque de Pouilles, o oonde de Turim e o principe Luiz, nascido em Madrid, quando o duque de Aosta reinava em Hespanha.

A princeza Maria Laeticia Bonaparte nasceu em Paris a 20 de dezembro de 1866. E' d'uma belleza encantadora; e apesar da differença das edades, pois que é mais nova 21 annos do que seu noivo, tem por elle uma verdadeira paixão.

Depois do casamento os duques de Aosta irão habitar o palacio de Turim.

Uma tragedia.—Communicam de Monaco que se deu ali ha dias um espantoso drama, que impressionou profundamente os habitantes d'aquelle principado.

Um rapaz brazileiro, Raul Marques, que estava a jantar com o irmão e a cunhada na *villa* Annita, foi assaltado á sobremeza por um terrivel accesso de furor. Levantando-se rapidamente, puxou de dois revolvers e assassinou á queima roupa os seus convivas; em seguida, dirigindo contra si as mesmas armas, suicidou-se, mettendo uma bala em cada ouvido.

Quando os criados acudiram, apenas encontraram na sala de jantar 3 cadaveres.

Do inquerito aberto pelos magistrados de Monaco, resulta que Raul Marques, fôra havia alguns annos em New-York, empregado do irmão, que dirigia uma casa de commercio commanditada pelo pae.

Por morte d'este, Robustiano Marques, o irmão de Raul, liquidára a casa em condições vantajosas, mas não sem suscitar da parte do irmão protestos energicos, aos quaes julgou dever resistir. Raul ganhou-lhe um odio terrivel, que por muito tempo conseguiu dissimular.

Ha tres mezes, Raul Marques chegou a Monte Carlo e installou-se no hotel, parecendo viver o melhor possivel com a familia. Todas as tardes ia jantar á *villa* Annita, onde havia por vezes discussões a respeito da liquidação da casa de New-York. Robustiano disse, por fim, ao irmão que, se quizesse viver em boa harmonia com elle, nunca mais lhe fallasse n'esse negocio. Em vista d'isto, Raul resolveu assassinal-o e á mulher.

N'um d'estes dias foi jantar á *villa*, como costumava. Durante o jantar, conservou um ar sombrio, fallando menos do que habitualmente, até que, na occasião da sobremeza, levantou-se com um revolver em cada mão, e fez fogo sobre os dois convivas; depois suicidou-se, como acima dissemos.

Foram-lhe encontrados, além dos dois revolvers que lhe serviam para commetter o duplo crime, um terceiro revolver de seis tiros e dois punhaes.

O Papa presumotivo:—Confirmam as cartas de Roma a noticia do Papa tencionar nomear o cardeal Parocchi, camerlengo da egreja.

Não era costume outr'ora que o camerlengo fosse eleito Papa, nem mesmo o secretario de estado; mas Pio IX, nomeando pouco tempo antes da sua morte o cardeal Pecci para camerlengo, pareceu designal-o á escolha dos cardeaes, e elle foi effectivamente eleito.

Terá Leão XIII tido a mesma intenção a respeito do cardeal Parocchi, que é, segundo consta, um dos candidatos ao papado? Pretende-se mesmo que este cardeal seja considerado candidato dos intransigentes.

Escavações na Italia.—O correspondente do *Times* em Roma dá noticia de alguns curiosos resultados de escavações ordenadas pelo governo italiano no sitio da antiga Sybaris e n'outras partes.

A este proposito diz a folha da city que a nacionalidade italiana desde o principio se distinguiu pelo ardor com que tem insistido sobre os direitos da moderna Italia a ser herdeira universal do seu passado. As egrejas foram restauradas com uma energia que chegou a parecer excessiva. E por toda a parte se buscaram monumentos de antiguidade com a firme resolução, até ahi nunca vista, de que elles possam hombrear com o presente, pelo que respeita á sua instrucção e gloria.

O Salon, de Pariz.—Secção de pintura.—O jury do Salon de 1888 reuniu no dia 31 do mez passodo para conferir a medalha d'honra da presente exposição.

Houve dois escrutinios. No primeiro o numero dos votantes foi de 378 e os expositores mais votados foram os srs. Benjamin Constant que obteve 67 votos e Detaille que obteve 56. Como o primeiro dos votados não teve maioria de votos, procedeu-se a segundo escrutinio em que o sr. Detaille obteve 108 votos e o sr. Benjamin Coustant 96.

Quando o resultado do segundo escrutinio foi proclamado, concedendo a medalha d'honra ao sr. Detaille, os applausos romperam de todos os lados, sendo o agraciado muito victoriado.

O quadro que o jury premiou intitula-se *O sonho* e representa um batalhão cançado pelas marchas successivas, estendido no chão, vencido pela fadiga: na lama da estrada dormem, á mistura, officiaes e soldados, e os combatentes d'hontem vêem em sonho atravessarem o espaço as sombras dos soldados victoriosos d'antiguidade.

O auctor do quadro, que foi muito admirado, tem uma brilhante carreira de pintor. Eduardo Detaille recebeu a sua primeira medalha nas vesperas da guerra de 70 de que elle tem pintados todos os horrores e todas as amarguras e foi nomeado official da Legião d'Honra em 1881.

Assim, pois, a medalha ganha agora não vem somente galardoar os meritos do quadro apresentado n'esta exposição, mas tambem a carreira brilhante do seu auctor.

Secção de gravuras—A medalha de honra da secção de gravura foi conferida em segundo escrutinio ao sr. Hédouin por uma votação de 90 votos contra 60 que o sr. Jacquet Achille obteve.

Secção de esculptura—N'esta secção houve apenas um escrutinio, sendo conferida a medalha ao sr. Turcon por 98 votos; o sr. Tony Noel, o mais votado depois de Turcon e obteve apenas 24 votos.

O premiado tinha exposto um grupo em marmore, *O cego e o paralytico*, um verdadeiro primor artistico.

Este artista já tinha sido premiado em 1878 com a segunda medalha e em 1871 com a primeira por esse mesmo grupo que agora apresentou em marmore, mas então tinha apresentedo em gesso.

A tomada da Bastilha.—A commissão organisadora da festa nacional reuniu-se ha dias no *Hotel de Ville*, de Paris, e fixou em 518:000 francos á verba para a commemoração d'este anno. D'esta quantia sahirão 100:000 francos para os pobres de Paris, a cargo da assistencia publica e 20:000 francos para os dos arredores.

Ficou decidido que os boulevards, a partir da praça da Nação, até á praça da Republica, fossem enbandeirados.

O *clou* da festa será um fogo de artificio, que custará 20:000 francos, e que será queimado na torre Eiffel, a 120 metros d'altura.

Paris.—Paris conta 6:386 pessoas que teem mais de 80 annos, 2:747, variando entre 85 e 80 annos, 640 que já passaram de 90 annos, e 138 que teem mais de 95.

Centenarios ha vinte, entre os quaes quatro celibatarios, um homem casado e seis viuvos, uma celibataria, uma mulher casada e sete viuvas.

Uma outra estatistica diz-nos que em Paris ha 5:000 mendigos.

Importante leilão.—Venderam-se ultimamente em Paris os quadros da famosa collecção de Goldsmith: *La Barrière*, de Troyon, foi vendido por 18:000$000 reis, o *Valle de Touques*, do mesmo auctor, por reis 32:000$000; e as *Costas de Marrocos*, de Delacroise, por 9:000$000 reis, etc. O producto dos 53 quadros elevou-se n'este leilão a uns 160 e tantos contos de reis.

SESSÕES PARLAMENTARES

CAMARA DOS DIGNOS PARES

Sessão de 11 de junho

Presidencia do sr. João Crysostomo; secretarios os srs. Ressano Garcia e conde de Paraty.

Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde. Presentes 22 dignos pares.

O sr. conde de Alte leu um officio da commissão de defeza do padroado portuguez de Ceilão agradecendo os serviços prestados á sua causa por alguns dignos pares, e disse que as cristandades de Ceilão tencionavam fundar uma Igreja nacional independente da de Roma e sujeita á jnrisdicção do patriarcha de Babilonia.

O sr. Thomaz Ribeiro referiu-se ás palavras proferidas pelo sr. Moret no parlamento hospanhol, relativamente ao tratado de commercio entre Portugal e a Hespanha.

O sr. presidente do conselho disse que as negociações sobre o tratado proseguiam, sendo boas as relações politicas entre os dois paizes, e que não podia adiantar mais nada sobre o assumpto.

Sobre o incidente usaram ainda da palavra, estranhando as phrases do sr. Moret, os srs. Serpa Pimentel, Barbosa du Bocage e Vaz Preto, dizendo este ultimo que lhe parecia que aquellas palavras tinham relação com a questão de Salamanca.

O sr. Vaz Preto tambem perguntou se se discutia este anno o projecto sobre as incompatibilidades.

O sr. presidente do conselho disse que já havia sido pedido ao sr. presidente da camara para pôr na ordem do dia o projecto, mas não sabia se poderia ser discutido. Declarou que estava tratando um accordo com a opposição regeneradora afim de poder passar, quanto antes os projectos constitucionaes bem como alguns outros indispensaveis á administração publica.

O sr. Barjona de Freitas declarou que não entrava no accordo, embora em principio não seja contrario a accordos.

O sr. Hintze Ribeiro disse que a opposição regeneradora estava examinando a proposta do accordo, a qual era no interesse geral de todos, sem prejudicar nenhuns dos direitos da opposição.

O sr. marquez de Vallada instou no pedido para realisar as suas interpellações.

—

Sessão de 12 de junho

Presidencia do sr. João Chrisostomo secretarios os srs. Ressano Garcia e conde de Paraty.

Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde. Presentes 23 dignos pares.

O sr. Camara Leme fez novas instancias para que entrasse em discussão o projecto de lei sobre as incompatibilidades.

Como entrasse na sala o sr. ministro dos estrangeiros, o sr. Serpa Pimentel referiu-se novamente ás palavras proferidas pelo sr. Moret no parlamento hespanhol, relativamente ao tratado do commercio.

O sr. ministro dos estrangeiros disse que as relações politicas de Portugal com a Hespanha são excellentes. Julga que não ha a extranhar as dificuldades para a approvação do tratado, porque são proprias d'este genero de negociações, por quanto se dão sempre conflictos de interesses.

A camara resolveu generalisar a discussão sobre este incidente.

O sr. Thomaz Ribeiro perguntou se o governo portuguez tem conhecimento exacto e official das palavras proferidas pelo sr. Moret.

O sr. ministro dos estrangeiros respondeu que o discurso do sr. Moret não foi ainda publicado na *Gaceta*.

Sobre o incidente fizeram ainda varias considerações os srs. Barbosa du Bocage, Vaz Preto, Moreira de Rei, Barjona de Freitas e Hintze Ribeiro.

O sr. Moreira de Rei sustentou a opinião de que com a Hespanha ou se deve estar em perfeito accordo ou em guerra declarada.

O sr. Hintze Ribeiro perguntou se o governo portuguez havia dado instrucções ao representante de Portugal em Madrid.

O snr. ministro dos estrangeiros disse que entendia dever esperar que fosse publicado officialmente o discurso do sr. Moret para depois proceder, mas que chamará a Lisboa o sr. conde de Casal Ribeiro, que se encontra na sua quinta, em Alemquer.

Tendo dado a hora, foi encerrada a sessão. (O ministro hespanhol em Lisboa assistiu a toda a discussão, na galeria do corpo diplomatico.)

CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS

Sessão de 11 de junho

Presidencia do sr. Rodrigues de Carvalho; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde. Presentes 79 srs. deputados.

O sr. D. José de Saldanha apresentou uma representação dos cidadãos de Montemór-o-Novo pedindo a resolução da crise agricola, e pediu uma nota dos nomes dos membros das Associações commerciaes de Lisboa e Porto, dizendo que fazem parte d'essas Associações alguns cidadãos estrangeiros.

O sr. Alfredo Brandão pediu que se fizesse uma remodelação administrativa nas nossas colonias.

O sr. João Arroio apresentou uma representação das camaras municipaes de Alijó e Sabrosa, com mil assignaturas, pedindo a construcção de uma ponte no Pinhão, e queixou-se do atraso do pagamento dos emolumentos aos fieis de balança das alfandegas de Lisboa e Porto.

O sr. Serpa Pinto pediu explicações sobre o tratado de commercio com a Hespanha.

O sr. ministro da fazenda respondeu ao sr. Arroio que dará ordens para que o pagamento dos emolumentos aos fieis de balança se faça, e disse que as negociações sobre o tratado de commercio com a Hespanha proseguem.

O sr. Consiglieri Pedroso queixou-se do modo porque é feita a cobrança dos emolumentos do registro civil.

O sr. Franco Castello Branco pediu a opinião do sr. ministro da justiça sobre a collegiada de Guimarães.

O sr. ministro da justiça respondeu que o projecto foi mandado estudar por um empregado do ministerio da justiça, mas que não deseja prejudicar as necessidades do culto.

O sr. Francisco José Machado associou-se ás palavras do sr. Franco Castello Branco, e disse coufiar que o governo dará andamento ao projecto.

Pediu diversos documentos sobre a collegiada.

O sr. João Pinto ponderou a necessidade de uma lei interpretando alguns artigos do Codigo do Processo Civil, e trocou algumas explicações com o sr. ministro da justiça sobre o assumpto.

ORDEM DO DIA

Orçamento rectificado

O sr, Franco Castello Branco continuou o seu discurso, combatendo o orçamento.

Falou toda a hora.

—

Sessão de 12 de junho

Presidencia do sr. Rodrigues de Carvalho; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás 2 horas da tarde.

Presentes 84 srs. deputados.

Resolveu-se exarar na acta um voto de louvor ao barão de S. Clemente por haver entregado ao sr. presidente da camara, mais um volume dos seus apontamentos sobre a historia do parlamento portuguez.

O sr. Augusto Ribeiro pediu que fosse discutido o projecto de lei relativo ao trabalho dos menores nas fabricas.

O sr. João Arroio apresentou a representação da Associação Commercial do Porto contra as propostas de fazenda relativas ao porto de Leixões e aos direitos sobre os vinhos do Porto remettidos para Lisboa.

O sr. Francisco Machado pediu ao governo que pozesse termo aos conflictos entre os povos de Reguengos e Azambujeira.

O sr. Pina tratou da necessidade da plantação de arvores nas faldas das serras baldias.

ORDEM DO DIA

Orçamento rectificado

O sr. Carrilho respondeu aos principaes pontos do discurso do sr. Franco Castello Branco.

Seguiu-se o sr. João Arroio que se occupou principalmente do emprestimo contrahido pelo governo, dizendo que um banqueiro ganhou com esta operação 295:000$000 reis. Ficou com a palavra reservada para a sessão nocturna.

—

Sessão nocturna

O sr. João Arroio continuou o seu discurso sobre os emprestimos respondendo o sr. ministro da fazenda que lhe rebateu os principaes argumentos.

O sr. Moraes Carvalho falou sobre o mesmo assumpto.

A requerimento do sr. D. Jorge de Mello considerou-se a materia discutida.

O sr. Carrilho apresentou uma proposta para no orçamento da fazenda se inscrever a verba de 16:540$000 reis, sendo 15:940$000 reis para subsidiar os deputados um mez e 600$000 para despezas feitas com o parlamento.

Votou-se o orçamento rectificando-se todas as propostas, á excepção da do sr. Teixeira de Vasconcellos, sobre a revisão das matrizes, a qual foi enviada á commissão do orçamento.

Entrou em discussão a proposta fixando a força do exercito.

O sr. Eduardo de Abreu, pedindo a palavra para questão prévia, *perguntou ao sr. presidente se esta proposta* entrava no accordo.

O sr. ministro da fazenda disse que o accordo é digno da opposição e do governo e que a proposta era constitucional.

O sr. Eduardo de Abreu replicou dizendo que se guardava para levantar a mesma questão em todas as outras propostas, e, em resposta a um áparte do sr. Carrilho declarou que esperava vel-o defender os orçamentos do ministerio d'outro partido.

O sr. Serpa Pinto discutiu largamente a proposta apresentando uma substituição.

Levantou-se a sessão á meia-noite.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 11

Varios despachos administrativos.

Boletim de sanidade maritima, declarando inficionado de febre amarella o porto de Pernambuco.

Portaria mandando abrir concurso perante o respectivo prelado, para o provimento de parochia de Cardosas, no concelho de Sobral.

Annuncio para a collocação da oitava serie de bilhetes do thesouro.

Protocolo preliminar do tratado de amizade e commercio entre Portugal e a China, e convenção appensa estabelecendo as bases da cooperação na cobrança do rendimento do opio importado da nação para nos cbinezes.

Decreto ratificando o convenio para resolver duvidas relativas ao commercio do opio.

Diario de 12

Concessão de differentes mercês honorificas.

PAGINA LITTERARIA

O PASSADO

E' facto incontestavel que só aquelle que esteve durante longo tempo encerrado n'uma prisão, sabe apreciar devidamente as delicias da liberdade e que só depois de uma doença impertinente é que a saude nos parece coisa preciosa e incomparavel.

Assim, nós as mulheres facilmente nos contentariamos com a nossa condição presente, se mais vezes pensassemos no que ella já foi, e na vida infeliz que por tantos seculos arrastou o sexo a que pertencemos.

Se voltarmos atraz, muito atraz, ás eras em que o homem não passava d'um animal bravio, em que reinava exclusivamente a força, só então poderemos avaliar o envilecimento em que jazia a mulher, sêr fatalmente mais debil do que o seu feroz companheiro.

Não havia então nem casa nem familia, os homens entregavam-se á caça ou pastoreavam os seus grandes rebenhos, errantes pela terra, sem um ponto onde se fixassem, levando atraz de si, para onde quer que iam, os rudes utensilios, os gados e as mulheres.

Parece-me vel-os selvaticos, ferozes, vestidos de pelles de animaes, olhar com desprezo as companheiras, que todavia eram mães de seus filhos, só porque não sabiam resistir ao cansaço, como os cavallos e as bestas de carga; sempre promptos a dar-lhes tractos, a espancal-as desabridamente, se por ventura, exangues de fadiga ou enfermas, lhes pediam com olhar supplicante que parassem antes de chegar ao fim da cruel jornada.

Par asylo tinham a caverna rasgada nas entranhas do monte, ou a sombra de uma arvore colossal; por leito unico tinham a dura terra.

Em vez de palavras de amor, golpes desapiedados, e nem a consolação dada pelos filhos lhes restava, porque esses, educados na escola da crueldade e da força bruta, desprezavam, mal cresciam, a fraqueza de sua pobre mãe.

Veio depois a éra dos agricultores, quando os povos, tomando posse do terreno que haviam por suas mãos cultivado, estabelecem habitações mais estaveis, e construem cabanas rudimentares.

Não acabou porém o reinado da força; a mulher mudou de jugo, mas não de condição; em vez de andar errante e foragida, viu-se obrigada a lavrar a terra como o boi ou como o jumento, e a mais louvada e apreciada era aquella que melhor sabia resistir ás fadigas e a que tinha mais filhos, pois dava mais braços á lavoura.

Quando por ventura os campos eram estereis e não bastavam para nutrir a familia que se havia tornado numerosa, as mães viam os filhos das suas entranhas partir para remotas paragens, d'onde nunca mais voltariam.

Reuniram-se mais tarde os homens em grupos numerosos, formando assim as primeiras tribus, mas o mais forte continuava a dominar; começaram as luctas e as guerras, as tribus debeis foram absorvidas pelas que o não eram, o fraco era opprimido e escravisado e a mulher tornou-se a escrava do escravo.

Deixemos, porém, esses povos selvagens, cuja barbaridade absoluta mal podemos comprehender, por muita remota, e voltemos para os mais civilisados, d'onde directamente descendemos. Não fallarei dos povos industanicos, onde tempo houve que a civilisação attingiu extraordinarios limites, onde era sagrada a familia e adorada a mulher, porque é difficil formar qualquer ideia exacta de um povo, cuja historia nos apparece nublada por um espesso nevoeiro de lendas e fabulas.

Um dos factos que atravessam essa atmosphera lendaria é porém bastante caracteristico para demonstrar quanta barbaridade contaminava ainda essa apregoada civilisação. Era o culto fanatico consagrado pela mulher ao companheiro da sua vida, culto que se traduzia morrendo a viuva queimada logo depois de perder o marido.

Na Grecia comtudo, onde todas as artes tiveram tão vigorosa florescencia, onde surgiram grandes philosophos, immortaes artistas, poetas inimitaveis, nem por isso a mulher deixou de viver escrava; talvez que fossem de oiro as cadeias, mas eram cadeias e tanto basta.

Entrava em casa do esposo coroada de flores, entre vaticinios dos amigos e cantos de alegria, mas logo que transpunha os umbraes da casa, punham-lhe nas mãos a roca e o fuso e não era considerada senão com um traste precioso, um ser em tudo e por tudo dependente do homem, do qual a separava um abysmo.

Para o homem a defesa da patria, os gymnasios, as academias, os fortes estudos, as artes, as sciencias.

A' mulher outra missão inteiramente diversa; tinha de estar com as escrava no gineceu, fiar a lã, tecer as togas e tunicas viris.

Via o marido raramente ou talvez o não visse nunca, nem tinha sequer a suprema consolação da maternidade, porque, ao ver as filhas, pensava na triste existencia que as esperava; e os filhos, sabia que, chegados que fossem á idade dos seis annos, lhe seriam arrebatados dos braços por que os não effeminasse a sua convivencia branda e doce.

Eram confiados então a um pedagogo qualquer que lhe revigorasse o corpo com os exercicios gymnasticos, e espirito com as disputas dos philosophos, iniciavam-se na vida de agora e na vida dos campos, e a pobre mãe nem sequer tinha a consolação de os chorar quando os seus cadaveres lhe eram trazidos sobre o escudo, porque para elles fôra uma gloria morrer pela patria.

Os costumes da antiga Rouco pouco se afastaram dos costumes da Grecia. A mulher fiando em casa, o homem discutindo no forum e a familia inteira humildamente sujeita ao poder do pae.

Logo que o marido se aborrecesse da mulher, repudiava-a, tomando outra, como se troca um objecto qualquer que deixa de agradar-nos.

Foi a excesso da escravidão que, corrompendo a companheira do homem, exerceu nos costumes a funesta influencia que todos sabem.

E' verdade que nos primeiros tempos a republica possuiu matronas exemplares, mães sublimes como a mãe dos Gracchos. Mas eram bem mais raras que em nossos dias, e tanto assim, que o nome de Cornelia passou á posteridade, cercado de uma aureola de maravilhoso, emquanto hoje encontramos a cada passo exemplos similhantes, sem que por isso se lembre ninguem de os celebrar como immortaes. E, se foi o christianismo que poz a mulher no logar que lhe compete, nos principios d'essa era a reacção foi excessiva e a mulher, quando não era pisada como a lama, era idealmente adorada como as santas.

Maria Amalia Vaz de Carvalho.

PAPOULAS E PEONIAS

(De Léon Tinseau)

O enlace nupcial de mademoiselle de Saint-Ferjeux com Filippe de la Falconniére decidiu-se este inverno, depois de algumas hesitações da parte da familia do noivo. Digamos desde já que estas prolongadas reflexões tinham por causa unica a edade da noiva, que completava vinte e tres annos com os proximos morangos. Filippe, vinte e seis apenas. Achava-se a differença insufficiente. Mas o joven par resistia, e o conde de Falconniére resolveu-se, emfim, a ter uma nóra maior.

Margarida de Saint-Ferjeux recebeu o que se chama educação séria, á qual, tambem, seus gostos a predestinavam. Leu litteratura escolhida, decifrou partituras complicadissimas, e teria habilidade de fazer chapeus e talhar vestidos se tivesse mais tempo e menos fortuna. Havia dois annos que estudava pintura de flores, e entregou-se a essa arte com paixão. Tem uma avó surda e pae cégo... na affeição pela filha unica. Em resumo, é o idolo da casa, e é justamente por ter comprehendido a felicidade com os seus primeiros vestidos compridos que se tornou «velha rapariga», como ella pittorescamente se chamava. A avósinha, a muito velha e espirituosissima baroneza Corcelet. só receiava despedir-se d'este mundo sem beijar um bisneto. Felizmente, o acaso póz os noivos em presença, e verem-se e amarem-se foi obra de momento.

Filippe de la Falconniére, sem levar a sabedoria tão longe como o heroe de *Cruel enygma* (antes madame de Sauve), é uma natureza juvenil, melancholica e sonhadora, com uma pontinha de desconfiança a respeito das mulheres. E' um soldado que já viu o fogo, mas sómente nas escaramuças das avançadas. O soldado precisa de duas grandes batalhas para deixar de apurar o ouvido ao zinir das ballas e crer-se invulneravel, que é o segredo da coragem no terreno da lucta e, talvez tambem, da felicidade no amor. Tres quartas partes dos maridos felizes são bravos que passeiam, sem darem por tal, com uma balla nas costas.

O primeiro, além da familia, aquem Filippe confiou os projectos de hymineu, foi ao seu amigo intimo, Regerio de Villete, um outro sceptico, mas sceptico por experiencia e não por timidez ou instincto.

— Estás doido! disse-lhe Rogerio, Casas precisamente na edade em que não deves casar, e fazes um casamento que não te convem.

— Explica-te, meu caro. Essas palavras...

— Vaes agastar-te, naturalmente! Pouco m'importa. Amigo casado, amigo perdido; hoje ou ámanhã, é negocio certo... Meu caro, aos vinte e seis annos não se deve casar; é uma edade estupida. Não és ainda o homem de uma só mulher á Dumas—bom proveito lhe faça!—nem tão pouco o homem que sabe e é forte. Vaes servir sobre a toalha conjugal esse duvidoso alimento que não é fricassé nem tão pouco roast-beef. E's por emquanto o que se chama... vitello sem experiencia da praça!

— A comparação é delicadissima!

— Verdadeira, que é o essencial. Quanto á noiva, salvo a personalidade, bem entendido, é demasiado idosa para ti. Poderás formal-a ao sabor das tuas idéas? não. Ella está quasi que independente. E depois, desconfio, em principio, d'uma menina que não é pobre nem feia e que excede a maioridade sem ter encontrado sujeito digno das suas prendas. Perguntarei sempre porque? E terás difficuldade de encontrar um *parce que* que me não dê uma inquietação qualquer, sobre o passado ou o futuro.

Filippe encolheu os hombros, mandou passeiar o pessimista e continuou a fazer a côrte á sua bella, cada vez mais dedicado, e com grande reforço de bouquets de flôres. Tinha, porém, um certo resentimento contra Rogerio e vingou-se d'elle não o apresentando á noiva, como teria feito em qualquer outra circumstancia.

Todos os dias jantava em casa do marquez de Saint-Ferjeux, depois, cerca das nove horas e meia, o futuro sogro ia para o club e deixava os noivos sob a guarda da baroneza de Corcelet, o que era a mesma coisa que confial-os ao obelisco. Então começava entre elles uma d'essas ridiculas conversações cuja recordação, vinte annos mais tarde, nos enterneceria ou faria encolher hombros, segundo as consequencias, felizes ou tristes, da aventura. Planeavam a vida, arranjavam projecios, gisavam viajens, promettiam-se emfim mostrar ao mundo,—que desde o começo espera esse espectaculo—um *ménage* feliz, fiel, tranquillo. Filippe arrebatava-se ao setimo céu e perguntava a si proprio, com certo espanto, o que seria o dia seguinte, se a vespera encerrava já semelhantes thesouros de ventura.

Disse já que elle tinha vinte e seis annos, e estava um pouco atrazado em relação á edade.

Entretanto, por meiado de março, pareceu-lhe descobrir que o genio de Margarida mudára subitamente. Tornava-se distraida, nervosa, ás vezes triste, com periodos de singular excitação. Parecia-lhe que lhe era menos affeiçoada e, como tinha jurado, segundo o estylo, não se occultar um só de seus pensamentos, interrogou-a sobre a causa da sua *reverie*. Naturalmente ella não se mostrou muito satisfeita da pergunta.

— E' para causar admiração, respondeu ella, sentir algumas emoções ao approximar-se o dia em que a nossa vida vae mudar para sempre?

Nada menos para admirar, para ser justo; mas Filippe julgava sentir nas preoccupações da sua futura o quer que fosse de estranho ao casamento e sobretudo de alheio ao marido. Soffreu, dissimulou o soffrimento, constrangeu-se e começon a rolar no cerebro idéas estramboticas, porque a sua imaginação era das que não param a meio do caminho.

Foi muito peior ainda quando, uma semana depois, encontrando o amigo Rogerio, este lhe disse.

— E' inutil negares que finges não me ver, meu bravo! Não imagines que me passa despercebida essa desleal manobra. Nem ao menos te offereceste para me apresentar a mademoiselle de Saint-Ferjeux. Felizmente o acaso fez com que a encontrasse hoje. Estive com alguem que a nomeou.

— Ah! vistel-a?

— Vi; cerca de duas horas, n'um detestavel bairro; ao fundo de Batignolles.

— Com o pae?

— O sr. de Saint-Ferjeux é um bello rapaz de trinta e cinco annos, alto, trigueiro, bigode retorcido, a barba em ponta, cavalleiro da Legião de Honra?

— Não; é baixo, calvo, sexagenario, e tem a *boutouniere* tão nua como o queixo.

— N'esse caso, não era provavelmente elle que acompanhava a filha. Mas, tranquilisa-te, ia na pégada d'elles uma creatura de saias e luneta, que deve ser talvez a antiga «senhora mestra».

— Sim, miss Watterfall, *dame de compagnie* de Margarida. E... não sabes o que iam fazer para esses sitios?

— Esqueci-me de perguntar. Ouvi simplesmente a ingleza, que dizia á sua pupilla: *O dear! what a blessing to have got such a sustainer!*—Sabes-inglez? Não? Pois quer dizer: «Querida! que felicidade ter encontrado um protector como este!»

Filippe tornou-se pensativo. Não gostava muito d'esse *apoio* mysterioso, nem do bigode retorcido, nem da enternecida exclamação de miss Watterfall. Apoz duas ou tres phrases distrahidas, despediu-se de Rogerio, que so afastou, meio satisfeito, meio inquieto de ter enchido de bezoiros os ouvidos e a cabeça do amigo. Mas, no fim de contas, nada mais dissera do que a rigorosa verdade.

A's sete horas da tarde, Filippe chegou a casa dos Saint-Ferjeux. Tinha reflectido bastante, ou dizendo melhor, passára a tarde em torturas. Resolvera ser finorio e ver em que paravam as coisas. Com o ar natural de um elephante que desenrola a tromba, perguntou á noiva, logo que se acharam sós.

— Então, que ha de novo? que fez hoje?

— Eu? respondeu ella com o ar mais ingenue. Que queria que fizesse senão correr os armazens em companhia de miss Watterfall? Nunca acabarei de fazer compras!

— Não encontrou ninguem?

— Ninguem, excepto a bella madame de Maurembert, que escolhia *toilettes* para as corridas hippicas. Estou arrependida de não ter encommendado alguma coisa no mesmo genero. Imagine uma saia...

A pobre Margarida poderia descrever tambem o *costume* da Lans na *Messalina*, porque Filippe não a interrompeu. A's nove da manhã, no dia seguinte, estava em casa de Rogerio, que comprehendeu, vendo-lhe a cara, que o amigo não prepára olho toda a noite.

— Meu caro, disse Filippe, responde-me sem me interrogar. Como era a mulher que encontrastes hontem em Batignolles com o tal sujeito de bigode, que o diabo leve?

— Era bastante alta, um pouco forte, loira, com supercilios mais carregados. Chapeu redondo, preto, com dois passaros de vidrilhos; jaqueta de velludo preto, guarnecida de chinchilla.

— E' perfeitamente ella, interrompeu Filippe. Ah! meu amigo, estou singularmente transtornado! Mas, por quem és, não me interrogues!

— Descansa; é inutil interrogar-te para saber que estás roido de ciumes. E' espantoso, palavra de honra! Olha-te a este espelho e dize-me com quem te pareces. Ah! estes maridos francezes! No dia seguinte áquelle em que passares o annel de oiro no dedo da tua noiva, terá ella o direito de ir onde bem lhe aprouver, sem te dar satisfações. Presentemente é um acto monstruoso, que te dá a itericia, por ter esquecido dizer-te que tagarellou cinco minutos com um sujeito trigueiro, embigodado e condecorado. Adivinho que ella não te disse nada.

— Cinco minutos! sabes lá se foram cinco ou sessenta! E depois, como é que eu nunca vi semelhante animal?! E porque é que miss Watterfall disse que era um «protector»?. Protector de que e contra que? Contra mim?... Confessa, o caso é turvo.

— Desaccordo. Mas, quem sabe? é talvez um creancisse, uma tolice... Com tres palavras de explicação...

— Com tres palavras saberia tudo, sim, se tudo me contassem. Ou Margarida se abespinhará toda representando o papel de mulher ultrajada por injuriosas suspeitas, ou negará tudo... Como apresentar-lhe a prova? Consentirias tu?...

— Depor contra ella?... Ora, adeus! não penses n'isso. Meu pobre amigo, quando te dizia que és muito velho ou muito novo! Filippe!... Filippe!...

Qual Filippe! Partira como um doido, mandando Rogerio a todos os diabos, mandando com o mesmo sobrescripto os Saint-Ferjeux, miss Watterfall e essa grande farça que se chama «casamento». Mas, estava tão apaixonado!

Logo ao anoitecer, eil-o no seu posto. Margarida viu-o triste, e duplicou as ternuras affectuosas. Em verdade, essa menina era adoravel, e doido devia de estar para conceber suspeita contra ella. Vinte vezes o noivo esteve a ponto de confiar-lhe as angustias; mas a vergonha conteve-o.

Passaram dias. Approximava-se a semana santa e o casamento devia realisar-se pouco depois da Paschoa. O enxoval estava prompto, comprada a *corbeille*, alguns brindes chegavam. As idéas tumultuosas de Filippe acalmadas, senão inteiramente desvanecidas. Salvo sendo a mais espantosa hypocrita que tem existido, a noiva era a mais sincera, a melhor, a mais amante das mulheres. E comtudo cada dia que passava parecia desdobrar-lhe sobre a fronte o véu d'uma vaga tristeza. Muitas vezes, ella absorvia-se n'um pensar mysterioso, suspirava profundamente, depois, sentindo-se trespassada pelos olhos de Filippe, a futura viscondessa sorria com ar contrafeito e fazia esforço sobre si mesmo para fallar d'uma das mil coisas que se relacionam com o casamento.

Sabbado, vespera de Ramos, Filippe de la Falconnière chegou, por acaso, meia hora mais cedo que o costume a casa dos Saint-Ferjeux. Adivinha-se quanto s sua curiosidade se sobreexcitou encontrando um homem, trigueiro, condecorado, bigodes retorcidos e barba em ponto, que saia do aposento a que Filipe ia bater. Ao vel-o, a sua perplexidade tornou-se mais forte que nunca. Mas, d'esta vez, deparava-se-lhe occasião naturalissima para penetrar o mysterio, por que poderia evitar-se dizer-se-lhe o nome de incognito visitante com quem acabava de crusar.

De certo modo perturbado, entrou no salão. A casa estava deserta; mas, no gabinete contiguo onde de ordinario se achava a baroneza, ouviu zumbido de vozes domado pelo ruido de soluços.

Era Margarida que chorava.

— Tinha a certeza... gemia ella com voz despedaçada. Cada dia que passava augmentava os meus receios, e quando ha pouco chegou, adivinhei logo que mau homem era elle.

— Vamos, *ma petite*, admoestava o marquez. Acho que és muito severa a seu respeito. Que mais podia elle fazer?

Tomas as coisas demasiadamente a peito!

No fim de contas, que nos importa, se ninguem saberá nada?...

— Mas, querida filha, que loucura te entrou na cabeça? increpou a velha baroneza. Não eras sufficientemente feliz na tua vida tranquilla, no meio de nós, com um noivo que te adora e unicamente aspira a fazer-te venturosa? Ah! no meu tempo, uma menina como tu, não se teria exposto a semelhante vexame.

— Ora, ora! Avósinha é do seu tempo e Margarida do nosso, é claro. Em 1830, uma menina teria calcado todas as leis das conveniencias fazendo o que fez minha filha. Presentemente, não somos tão severos. Apostemos em que o proprio Filippe, a despeito da sua rigidez.

— Oh! papá, soluçou vivamente Margarida, que elle não saiba, ao menos!...

— Tranquillisa-te; não saberá nada, salvo se lh'o confessares, mais tarde. Pensa, minha filha, que ha talvez, n'este momento, no faubourg Saint-Germain, vinte meninas que, como tu, choram as suas illusões. E nem por isso casam mais cedo, crê.

Meio doido, Filippe fugiu, tapando os ouvidos para não saber mais... Recuperou um pouco de sangue-frio na saleta, á vista do criado, que se preparava para lhe vestir o *pardessus*.

— Diz ao sr. marquez, ordenou elle, que vinha para lhe pedir que não me esperasse ao jantar. Hoje, tenho que dispôr do tempo de outra maneira.

Depois, após breve reflexão:

— Onde mora o sujeito que saiu d'aqui ha pouco? Esqueceu uns objectos que tenho de entregar-lhe o mais cedo possivel.

Sem desconfiança, o criado deu o *adresse* d'um pintor tão conhecido pelo seu talento artistico como pela sua força em esgrima.

— Pois bem, tanto peior! rugiu Filippe descendo a escada. Em menos de doze horas, um de nós cessará de existir. E, se o mato, que Deus me defenda de tornar a entrar n'uma casa em que se ouvem semelhantes theorias!

O celebre Quérineau esperava a hora do jantar, entre a sua esposa e filhos, quando lhe entregaram o cartão do visconde de la Falconniere. Deu ordem de conduzirem o visconde ao *atelier*, e foi immediatamente.

— A que devo a honra de...? começou elle com extrema urbanidade.

Mas Filippe não lhe deu tempo a concluir a phrase. Pallido, suffocado, com os olhos injectados de sangue, apenas podia articular com voz rouca:

— Senhor, sou, ou antes, era o noivo de mademoiselle de Saint-Ferjeux.

— Permitta-me que o felicite, disse o artista com bastante serenidade, embora um pouco admirado. Quer ter a bondade de assentar-se?

— Obrigado, senhor, respondeu Filippe, com a chamma do desafio no olhar. Tomarei unicamente a liberdade de perguntar-lhe o que se passou entre o senhor e minha... e essa pessoa.

— Meu Deus! senhor, replicou Guérineau, a sua pergunta é um pouco... singular no fundo e na fórma. Imagine-se em meu logar. Responderia? Mademoiselle de Saint-Ferjeux tem pae, e conceder-me-ha que era mais natural que elle...

— Isso diz-me respeito; é ao senhor quem me dirijo... Persiste em calar-se?

O pintor encrespou o sobr'olho e rolou, durante dois segundos, o bigode nos dedos. Emfim, como que tomando uma resolução respondeu:

— Senhor, unicamente uma palavra: sabia que a sua noiva apresentou uma téla no *Salon?*

Filippe fez com a cabeça um gesto que ignorava.

— Era um segredo, continuou Guérineau, mas a sua situação na familia faz com que não hesite em revelar-lh'o. Ha um anno que tenho a honra de dar alguns conselhos a mademoiselle de Saint-Ferjeaux. Ha dias fui com ella ver o quadro, completo a que se está pondo moldura no armador; emfim, ha poucos instantes, fui annunciar-lhe que o quadro não fôra admittido, com grande magua minha, pois que sou membro do jury.

— Senhor, disse Filippe, muito desconcertado, digne-se desculpar a minha vivacidade e permitta que lhe aperte a mão. Sobre o que, perdõe se me despeço. Esperam-se para jantar em casa de minha noiva.

*

Tres dias depois, o armador informava mysteriosamente Margarida que um comprador desconhecido offerecia mil francos pelo quadro regeitado.

— E' espantoso! fez o marquez, mil francos!... Entre nós, querida filha, quem os offerece, não sabe o que compra. Deve ser americano, por força.

A téla não irá para a America, seguramente; mas não o diga o leitor.

Quando a viscondessa de la Falconnière voltar de Veneza, onde deve chegar n'este momento, a primeira coisa que encontrará no delicioso gabinete do palacete que se está mobilando para o joven par, será as suas *Papoulas e peonias*. Mas o titulo será mudado, e substituido por este, na placa de oiro da moldura:

Primeiras e ultimas suspeitas

(Trad.)

Agnello Oscar.

26

FOLHETIM

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

No meio dos incidentes do combate, todos os olhos procuravam os commandantes de cada tropa que, no maior calor do conflicto animavam os seus companheiros com a voz, e com o exemplo. Ambos despregavam todas as suas forças e valor, e não havia nas fileiras oppostas um só combatente. que podesse dizer-se, seu igual. Excitados por uma mutua animosidade, e sabendo que o destroço de um dos dous chefes infallivelmente decidiria da victoria, tinham-se esforçado muitas vezes reunir-se, e começar um combate singular. Mas tal era a multidão e a confusão, que por muito tempo os seus esforços foram inuteis; estavam sempre separados pelos outros cavalleiros, que ardiam todos de se assignalar medindo-se contra o chefe do partido opposto.

Porém, quando o numero se achou consideravelmente diminuido, que uns, depois de se terem declarado vencidos, se viram obrigados a retirarem-se para a extremidade da estacada, e outros se acharam fóra do estado de continuar, o templario e o cavalleiro desherdado juntaram-se por fim, e cairam um sobre o outro com todo o furor, que um rancor mortal, junto com a sêde da gloria, podia inspirar: empregavam tanta destreza no ataque e defeza, que os espectadores fizeram estrugir o ar com acclamações unanimes e involuntarias, para testemunhar o seu contentamento e admiração.

Mas n'este momento o corpo do cavalleiro desherdado estava de peior condição; o braço gigantesco de Cabeça-de-Boi de um lado, e a força prodigiosa de Athelstane do outro, tinham aterrado todos os que se tinham apresentado diante das suas armas. Vendo-se livres dos seus adversarios immediatos, estes dous cavalleiros, tiveram, ao mesmo tempo, a mesma ideia, que era de assegurar o triumpho do seu partido, reunindo-se ao templario contra o seu rival. Ferraram, por conseguinte, *as esporas nas barrigas* dos cavallos, e dirigiram-se ao mesmo tempo para o atacar, o normando de um lado e o saxonio do outro. Teria sido absolutamente impossivel sustentar um só momento uma lucta, tão desigual como inesperada, se os espectadores, que não podiam deixar de tomar interesse por um guerreiro atacado de improviso por tres cavalleiros ao mesmo tempo, não o tivessem advertido a tempo da chegada dos seus adversarios.

— Guarda! cavalleiro desherdado, gritaram de todos os lados: «viu a tempo o perigo que corria, e depois de ter descarregado um golpe terrivel sobre a armadura do templario, fez recuar o seu cavallo no mesmo momento, de fórma que evitasse ao mesmo tempo o dobrado assalto d'Athelstane e Cabeça-de-Boi, que se arremessaram com tal impeto, que passaram entre o cavalleiro do templo e o seu adversario, sem poder reter os seus cavallos. Por fim chegaram a dominal-os, e reuniram-se então todos tres, para fazer morder a terra ao cavelleiro desherdado.

Se não fosse a força e agilidade do seu nobre ginete, premio da sua victoria na vespera, de certo teria succumbido. Mas o cavallo de Bois-Guilbert estava ferido, e os de Cabeça-de-Boi e d'Athelstane começavam a ceder ao peso de seus donos, e das pesadas armaduras, com que estavam cobertos; o cavalleiro desherdado soube aproveitar-se d'estas vantagens, e manobrou o seu cavallo com tanta arte, que por alguns minutos poude fazer rosto aos seus tres adversarios, separando-os quanto lhe era possivel, e precipitando-se já sobre um, já sobre outro, descarregando-lhes vigorosos golpes, e retirando-se sem dar tempo a seus rivaes de alcançal-o com os seus.

Mas, bem que a estacada resoasse com os applausos que os espectadores tributavam á sua destreza e valor, via-se claramente que devia acabar por succumbir: e os senhores, que rodeavam o principe João, rogaram-lhe com voz unanime que lançasse no circo o seu bastão, e que evitasse a um tão bravo cavalleiro a desgraça de ser vencido por desigualdade de numero.—Não, pela luz do céu, respondeu o principe João; este cavalheiro, que teima em occultar o seu nome, e que desdenha a hospitalidade que lhe offerecemos, já obteve um premio; soffra pois agora que outros o tenham. No momento em que proferia estas palavras, um incidente imprevisto veio immediatamente mudar o aspecto do combate.

Havia no corpo do cavalleiro desherdado um guerreiro revestido com uma armadura preta, e montado n'um cavallo da mesma côr. Era alto e parecia robusto. Este cavalleiro, que não tinha nenhuma devisa no escudo, havia até então justado frouxamente, contentando-se unicamente com rechassar os cavalleiros, que com elle investiam, o que fazia sem muito trabalho, mas não tratando nem de seguir, nem de provocar ninguem; n'uma palavra, fazia mais o papel de espectador do que de cavalleiro interessado na lucta do torneio: por isso já tinha ganhado entre os espectadores o appellido de *Negro Preguiçoso*.

Este cavalleiro pois, vendo o chefe que o commandava mettido em tal affronta, como se accordára d'um lethargo, dando de esporas ao cavallo correu a socorrel-o, bradando em altas vozes: «Esfórça, ó desditado, que eu já te ajudo.» Era effectivamente tempo, pois que em quanto o cavalleiro desherdado apertava de flanco com o templario, Cabeça-de-Boi tinha-se aproximado d'elle, e levantava a espada para o cortar, quando o cavalleiro negro chega, ataco-o, e n'um momento Cabeça-de-Boi róda por terra com o seu cavallo. O Negro Preguiçoso voltase depois para Athelstane de Coningsburgh; e como a sua espada se tivesse partido na armadura de Cabeça-de-Boi, arrancou das mãos do saxonio estupefacto a facha d'armas com que este se dispunha a batel-o, e, descarregou-lhe tão tremendo golpe na cabeça, que Athelstane caiu ao pé do seu companheiro.

Depois d'estas duas façanhas, que lhe attrahiram tantos mais applausos, quanto menos esperadas eram, o cavalleiro pareceu recair na sua indolencia ordinaria; e voltando tranquillamente para a extremidade da liça, deixou o seu chefe medir-se com Brian de Bois-Guilbert. Esta lucta não foi nem longa nem porfiada. O cavallo do templario estava gravemente ferido, e succumbiu ao primeiro choque. Brian de Bois-Guilbert rodou por terra com o pé embarassado no estribo, d'onde o não poude tirar. O seu adversario saltou immediatamente a terra, intimou-lhe que se rendesse; mas o principe João, mais tocado da posição perigosa do templario, do que o não tinha sido da do seu rival um momento antes, poupou-lhe a mortificação de se confessar vencido, lançando entre os contendores o seu bastão de commando, e pondo d'esta fórma fim ao combate.

Sem este signal estava elle a ponto de findar-se, porque já não existia senão um pequeno numero de combatentes sendo que os mais d'elles se tinham retirado, como se para isso se tivessem dado as mãos, deixando seus proprios chefes decidir da victoria.

Os escudeiros que tinham assentado seria perigoso, e difficil chegarem-se para o pé dos amos durante a acção, correram então ao circo para offerecer os seus bons officios aos feridos, que transportaram a tendas visinhas, ou aos quarteis preparados para elles na aldeia.

Assim se terminou o memoravel torneio d'Ashby-da-Zouche, um dos mais brilhantes d'aquelle saculo; pois que só ficaram mortos no campo quatro cavalleiros, dos quaes um foi suffocado pelo calor da sua armadura, mais de trinta fôram gravemente feridos, e quatro ou cinco morreram alguns dias depois. Por isso lhe chamam sempre, nas antigas chronicas, o magnifico e nobre torneio d'Ashby.

Devia o principe João nomear o cavalleiro que se tinha assignalado pelas maiores façanhas: e decidiu que a honra do dia pertencia ao que a voz publica tinha appellidado o *Negro Preguiçoso*. Poder-se-lhe-ía objectar que de facto era o cavalleiro desherdado quem tinha alcançado a victoria, visto que, no decurso do dia, elle havis derribado seis cavalleiros com o seu proprio punho, e que tinha acabado por levar a melhor do chefe do partido opposto; o principe João persistiu na sua decisão, dizendo que o cavalleiro desherdado e os seus companheiros teriam sido vencidos sem o poderoso soccorro do cavalleiro das armas pretas, ao qual elle julgava, em consequencia dever dar o premio.

Chamou-se immediatamente o vencedor; mas, com grande admiração de todos os espectadores, elle não se apresentou. Tinha-se ausentado da liça logo depois do combate, e algumas pessoas viram-no entrar na floresta com a mesma lentidão, e mesmo ar de indifferença que o tinha caracterisado no torneio, e feito appellidar o *Negro Preguiçoso*. As trombetas chamaram-no duas vezes; duas vezes os arautos fizeram a proclamação do estylo; e em sua auzencia, foi indispensavel nomear outro cavalleiro para receber as honras do torneio. O principe João não teve pois mais escusas para se subtrahir ao reconhecimento dos direitos, o cavalleiro desherdado podia fazer valer para esta distincção lisongeira, e proclamou-o vencedor.

Atravez d'uma terra escorregadiça pelo sangue que a tinha regado, coberta com os despojos das armaduras e dos cavallos, mortos ou feridos, os marechaes do torneio conduziram de novo o vencedor ao pé do throno do principe João, que lhe dirigiu estas palavras:

— Cavalleiro desherdado, visto que é o unico titulo debaixo do qual desejais ser conhecido, pela segunda vez vos rendemos as honras d'este torneio, e proclamâmos que *tendes direito de* reclamar e receber das mãos da rainha da belleza e dos amores a corôa de honra, que o vosso valor mereceu.» Inclinou-se profundamente o cavalleiro, mas não respondeu nada.

Em quanto os arautos gritavam em todo o circo: *honra aos bravos! gloria aos vencedores!* em quanto as damas assenavam com os seus lenços de seda e vóus bordados, em quanto o povo fazia estrugir os ares com as mais vivas acclamações, os marechaes conduziram, no meio das trombetas, o cavalleiro desherdado ao pé do throno de honra, occupado por lady Rowena.

Fizeram-no ajoelhar no ultimo degráu do throno; pois quê, em todas as suas acções, em todos os seus movimentos, desde o fim do combate, parecia obrar só segundo a impulsão dos que o rodeavam, e notou-se que mal se sustinha quando atravessou pela segunda vez a arena. Lady-Rowena, descendo do seu throno com tanta graça como dignidade, dispunha-se a pôr a corôa sobre o capacete do cavalleiro, quando os marechaes exclamaram unanimemente: «Não, não, é mister que tenha a cabeça descoberta. O cavalleiro murmurou surdamente algumas palavras, que se perderam na cavidade do seu elmo, mas que pareciam exprimir o desejo que tinha de se conservar coberto. Seja para não violar as regras do torneio, seja por curiosidade, os marechaes do torneio não deram attenção nenhuma á sua supplica; o capacete foi levantado, e viram-se as feições bem formadas d'um moço de vinte e cinco annos, ornado com profusão de magnificos cabellos, mas queimado pelo sol. Estava pallido como um defunto, e tinha alguns rastos de sangue no rosto.

Apenas lady Rowena o viu, soltou um pequeno grito; mas chamando immediatamente a si toda a energia do seu caracter, se bem que todo o seu corpo tremesse com a violencia da sua subita commoção, pôz a corôa na cabeça do vencedor, e pronunciou estas *palavras com uma voz clara e distincta*: «Dou-to esta corôa, cavalleiro; é a recompensa do valor que hoje mostraste.» Rowena parou um momento, e accrescentou depois com um tom firme: «Nunca corôa de cavallaria cingiu fronte mais digna de a sustentar!»

O cavalleiro inclinou a cabeça, e beijou a mão da joven rainha; depois, abaixando-se ainda mais, caiu-lhe aos pés desvanecido.

A consternação foi geral; Cedric, penetrado d'uma especie de torpor, mudo á vista do filho que elle tinha banido de seus olhos, precipitou-se então como para o separar de lady Rowena, mas os marechaes do torneio já o tinham prevenido; adevinhando o motivo do desmaio d'Ivanhoé, tinham-se apressado em o desarmar; e com effeito a ponta d'uma lança tinha penetrado através da sua couraça, e tinha-lhe feito no peito uma ferida assás grave.

XIII

Chegai-vos, ó heroes! D'est'arte Attrides.
Da turva em meio orguendo-se annuncia:
Vós que pretendeis por força ou manha
Vencer vossos rivaes e ganhar fama,
Esta vacca soberba será dada
Ao que a sotta souber lançar mais longe.

Hom. Illiada.

Logo que o nome d'Ivanhoé foi pronunciado, voou logo de bôcca em bôcca, e chegou até aos ouvidos do principe, que logo carregou as sobrancelhas quando o ouviu proferir. Esforçou-se comtudo em occultar a sua inquietação, e lançando em torno de si um olhar desdenhoso disse:—Milords, e vós sobretudo, senhor prior, que pensais da doutrina que os antigos nos transmittiram ácerca das attracções e antipathias innatas? Pareciame, pelo sentimento que experimentava, advinhar que era o favorito de meu irmão. *(Continua.)*

CORREIO DE LISBOA

15 DE JUNHO DE 1888.

As sessões parlamentares continuam bem. As discussões placidas, o que é uma honra para o parlamento, e até para o paiz. Na sessão nocturna tratou-se da lei de meios, a mais importante. Estão inscriptos alguns deputados, que pelos seus nomes promettem não prolongar os debates.

Entrou em discussão o projecto de lei n.º 159 que estabelece em relação aos alcools uma situação provisoria para evitar despachos pelos antigos direitos.

A representação contra as *Irmãs da Caridade* que d'ahi mandaram para a camara electiva produziu aqui um enorme fiasco. O governo não pode intervir n'essa questão, porque as taes senhoras são Irmãs Hospitaleiras, e como taes ao abrigo da lei que não só as não manda expulsar, mas até as protege. Um individuo que chegou d'essa cidade, e que hontem me encontrou na Exposição Agricola, disse me que a tal representação trazia assignaturas falsas, e que a maior parte era de estudantes e de creanças. O tal meu amigo até me disse que figuraram assignaturas d'individuos que ainda hão-de aprender a ler e a escrever. Ora provado isto, os poderes publicos teem de proceder rigorosamente contra os que fizeram assignaturas falsas, e induziram creanças a assignar uma refinadissima patacoada. Tambem me disseram que a maior parte das assignaturas foram aggarradas por se dizer que era uma representação contra os jesuitas, o que é muito differente. O meu amigo disse-me que a tal representação continha oito centas e tantas assignaturas, mas que nem a quarta parte se podem julgar de verdadeiras. O que lhe posso affirmar é que nem o parlamento, nem o governo ligaram a menor importancia ao tal papelucho que lá foi para o cesto dos papeis velhos. Consta-me que um jornal vae tratar d'essa questão, e que vai exigir responsabilidades a quem pertencerem por mandar ao parlamento uma representação com assignaturas falsas. Faltava mais isto para a historia dos que não podem ver a marcha do actual governo.

Na sessão d'hontem da camara dos deputados, depois de approvada a fixação das forças militares, o sr. Carrilho propôz, por parte da commissão do orçamento, as seguintes alterações ao projecto da lei de meios:

1.ª Ampliando até 75 annos o praso da amortisação do emprestimo para a expropriação das fabricas de tabaco;

2.ª Fixando em 65 réis por kilo o direito pautal do melaço com mais de 55 p. c. de assucar;

3.ª Sujeitando ao imposto de producção o assucar de canna produzido no reino, á excepção da Madeira.

Sobre estas propostas levantou-se discussão, e afinal foram enviadas á commissão de fazenda.

Na discussão da lei de meios fallou de dia o sr. Arroyo, e na sessão nocturna discursaram os srs. Arroyo, D. José de Saldanha, Fuschini, Elias Garcia e ministro da fazenda.

— O parlamento foi prorogado até 23, como lhe havia dito. Não se crê porém que em tão curto periodo se discuta tudo o que ha empenho e necessidade de fazer passar.

— Realisou-se hontem, conforme estava annunciado, o exercicio na Escola do exercito, com a assistencia de SS. AA. o Principe D. Carlos e Infante D. Affonso.

SS. AA., depois de percorrerem varias dependencias do edificio, entraram no campo, acompanhados do director e corpo docente da Escola. O exercicio começou ás 3 horas e tres quartos, executando-se o programma de maneira a honrar os alumnos d'aquella escola. Na primeira parte, o general commandante das forças recebeu aviso de que as forças inimigas, muito superiores em numero, o atacavam pela direita. Mandou, pois, uma força de cavallaria e infanteria defender as posições, resistindo quanto possivel. Em virtude d'um reconhecimento feito, percebeu-se que o inimigo atacava pela esquerda. A infanteria sustentou as forças inimigas, para o reducto entrincheirado, onde se manteve um fogo vivo, até que se viu forçada a retirar para o abrigo passivo, construido na rectaguarda da *luneta*. A engenheria fez saltar as fogassas, fazendo recuar o inimigo, que foi perseguido por uma carga de cavallaria. Na segunda parte, realisou-se o *ataque*. Começou pelo reconhecimento da cavallaria, para saber da posição do inimigo. Em seguida, a artilheria encetou o combate demonstrativo, e começou o fogo de infantaria contra os entrincheiramentos inimigos. A engenheria fez rebentar uma mina, préviamente construida, e terminou o combate á viva força. Concluiu o exercicio pela parada geral, fazendo as diversas armas continencia a SS. AA. A força que entrou em combate era composta simplesmente de 130 homens. Durante a acção fizeram-se, do observatorio, signaes com as respectivas bandeiras. Estiveram no campo tres amadores, tirando photographias.

— A hora em que escrevo continua na Boa Hora o julgamento do celebre Manuel Joaquim Pinto, agressor do sr. Pinheiro Chagas. Esta questão pode dar de si mais do que se esperava.

— Hoje corria na Casa Havaneza que o estado do Imperador Guilherme era desesperado. Veremos ámanhã os ultimos despachos.

— Corre ha dias com insistencia que o sr. cardeal patriarcha pensa realmente em resignar o seu cargo, sendo encarregado da direcção superior do Instituto de Santo Antonio dos Portuguezes, em Roma. A realisar-se este facto seria nomeado patriarcha de Lisboa o sr. bispo de Coimbra, e para esta diocese o sr. bispo de Bethesaida, que seria substituido no logar de commissario geral da bulla da Cruzada pelo sr. bispo de Beja.

— As exequias solemnes por alma do grande historiador Alexandre Herculano realisam-se effectivamente no dia 22, no templo dos Jeronymos, sendo celebrante o reverendo bispo de Bethesaida e panegyrista o sr. Alves Mendes. Os restos mortaes de Herculano serão transportados na vespera, do modesto cemiterio de Azoio para Belem, acompanhados pela commissão executiva encarregada de levantar-lhe um mausoleu no templo dos Jeronimos.

— O sr. ministro da fazenda apresentou uma proposta de lei concedendo alguns conventos e egrejas a varias corporações.

— A exposição tem sido muito concorrida e o gado cavallar que d'ahi veio tem sido muito apreciado. Oportunamente direi do grande certamen tudo o que é justo que se diga.

Y.

—

A' ultima hora.—Morreu o imperador da Allemanha. A morte de Frederico III veio emfim pôr termo ao martyrio enorme d'aquelle monarcha de tão altivas tradições e de tão eminentes qualidades. Esperada a cada momento, esta noticia ha de produzir todavia um abalo profundo na politica da Europa. O principe glorificado nos campos de batalha, acabou com a serena coragem de um justo e a resignada constancia de que foi martyr. O manto opulento da gloriosa Germania estava sendo para elle, ha largos mezes, lugubre e gélido, como se fôra uma mortalha gurrnecida de arminhos e recamada d'ouro. Quem sabe que commoção immensa não causará na Europa o baque d'aquella grande figura da historia contemporanea?!

. . . .

Está de luto uma das mais poderosas e das mais illustres nações do mundo. Deus dirá o resto.

Os ultimos telegrammas recebidos sobre o successo dizem o seguinte:

Berlim, 15, ás 8 h. e 15 m. da noute.—O imperador Frederico morreu sem sentir os estertores da agonia. Hontem recebera a Extrema-Unção, e ao dizer o ultimo adeus áquelles que o rodeavam, collocou a mão da imperatriz Victoria na mão do principe de Bismarck. Manifestou desejos de que os seus funeraes fossem feitos sem pompa na egreja da guarnição de Postdam. A imperatriz Augusta, que se acha enferma, não pôde assistir aos ultimos momentos do seu augusto filho, mas espera-se a sua chegada a Postdam. O conselho municipal de Berlim, em sessão solemne, lançou na acta um voto de sentimento pela morte do imperador.

Paris, 15, ás 7 h. da tarde.—Morreu o imperador da Allemanha, Frederico III, pelas 11 horas da manhã de hoje. A noticia da sua morte produziu aqui profunda sensação.

— A'cerca do estado de saude do imperador do Brazil diz o ultimo telegramma o seguinte:

Aix-les-Bains, 15, ás 9 e 16 m. da m.—Continuam a ser progressivas as melhoras de S. M. o imperador do Brazil. S. M. mostra desejos de, antes de se retirar para o Brazil, visitar Paris, a Belgica e a Escossia. Os medicos são, porém, de opinião contraria a esse projecto; e por isso, o augusto enfermo seguirá talvez directamente para o Brazil, embarcando em Bordeaux. O dr. Charcot partiu para Paris.

— Continuou hoje o julgamento dos aggressores do sr. Pinheiro Chagas. O interrogatorio dos reus foi longo, principalmente o do Pinto, que demorou perto de uma hora. Em seguida fallou o delegado, cujo discurso levou uma hora e tres quartos; depois fallou o defensor; o seu discurso durou mais de duas horas. O juiz perguntou aos reus se tinham mais alguma coisa a allegar em sua defeza. O reu Pinto então respondeu que tinha um segredo em sua vida que reservava para um ultimo extremo; que sendo engeitado, e desejando conhecer seus paes, viera a saber que o pharmaceutico Lobo era seu pae, e que este lhe dava 5$000 réis semanaes, e não mensaes como alguns jornaes disseram. Isto fez grande sensação no auditorio. O julgamento continúa amanhã, começando pelo relatorio do juiz ao jury, quesitos, respostas e sentença.

— SS. MM. el-rei e a rainha estiveram hoje de manhã nas installações agricolas da exposição industrial. Alguns expositores offereceram-lhes ramos de flores. No annexo do principe real, aguardavam, este e a princeza D. Amelia, a vinda de SS. MM., offertando um grande *bouquet* de fitas das côres das bandeiras portugueza e italiana a S. M. a rainha, que ficou contentissima com a graciosa lembrança de seus filhos. Haverá jantar no palacio, offerecido á commissão da exposição.

— As commissões de fazenda e agricultura, reunidas hoje, approvaram o projecto sobre as manteigas artificiaes, e ultimaram o projecto sobre os alcools. O imposto de consumo do alcool em Lisboa é de 120 reis e o do real de agua é de 60 reis.

— S. A. o principe real almoçou hontem em companhia do jury da commissão pecuaria.

Y.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

VENDE-SE

A casa e quinta do Carmo, que foi de José Maria Rangel. Consta de casa nobre, com jardim e poço; d'outra casa sobradada, casa de caseiro, eira, tres poços de nora, pomar e terra de horta e lavradia. Vende-se junta ou em lotes, se convier.

A tratar com José Ferreira da Cunha e Souza—Aveiro.

EDITAL

Manuel Nunes d'Oliveira Sobreiro, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Administrador do concelho de Aveiro e Presidente da Commissão Inspectora de exames elementares.

FAÇO saber que os exames elementares de instrucção primaria comeração por a prova escripta no dia 2 do proximo mez de julho, por 7 horas da manhã, na casa da Escola official para o sexo masculino da freguezia da Vera-Cruz d'esta cidade.

As meninas farão exame depois de concluidos os dos meninos.

Aveiro, 13 de junho de 1888.

O Presidente da Commissão Inspectora—*Manuel Nunes d'Oliveira Sobreiro.*

ARREMATAÇÃO

PELO juizo de Direito da comarca de Aveiro e cartorio do escrivão Dias da Silva, no inventario por obito de Maria Luiza da Conceição, de Vagos, vão á praça por deliberação do conselho de familia e para pagamento de dividas, no dia 1 do proximo mez de julho, por 11 horas da manhã, no Tribunal Judicial da comarca, os seguintes bens pertencentes ao cazal inventariado:

Uma caza terrea, sita na Viella da Cadeia, em Vagos, no valor de réis 35:000;

Uma leira de terra lavradia, sita no Lombemeão, no valor de 35:000 réis;

Um bocado de pinhal sito na Caneira, no valor de 700 reis.

Ficam citados para assistirem á arrematação querendo, os credores do referido cazal.

Aveiro 7 de junho de 1888.

O escrivão interino,
Antonio Dias da Silva.

Verifiquei—*A. Cortesão.*

ARREMATAÇÃO

PELO Juizo de Direito da comarca d'Aveiro e cartorio do escrivão Dias da Silva, vae novamente á praça, por deliberação do conselho de familia no inventario a que se procede por obito de Antonia de Jesus, d'Ilhavo, no dia 24 do corrente, por 11 horas da manhã, no Tribunal Judicial da comarca:

Uma morada de casas sitas na rua de Camões em Ilhavo, no valor de 190$00 réis, predio que é pertença do referido cazal inventariado.

Pelo presente ficam citados os credores incertos para assistirem á arrematação querendo.

Aveiro 12 de junho de 1888.

O escrivão interino,
Antonio Dias da Silva.

Verifiquei—*A. Cortesão.*

IRMANDADE DO S. SACRAMENTO DA FREGUEZIA DA VERA-CRUZ

EM consequencia de se não ter podido effectuar, por falta de numero, no domingo ultimo a eleição da direcção d'esta Irmandade, são, por ordem do ex.^mo sr. Presidente, novamente convocados todos os irmãos da mesma irmandade, a reunirem-se em assembleia geral no proximo domingo 17 do corrente pelas 10 e meia horas da manhã, afim de se proceder á eleição da nova direcção, conforme determina o respectivo estatuto.

Aveiro, 13 de junho de 1888.

O Secretario da Direcção
Domingos José dos Santos Leite.

Curso completo de francez

HENRIQUE da Cunha lecciona francez na sua casa da rua dos Tavares todas as noites desde as 7 ás 9, por preços razoaveis.

Ensina pelos novos methodos a fallar e escrever.

Para os artistas ha tambem leccionação apreços convencionaes.

As pessôas que conhecem as
PILULAS DO DOUTOR
DEHAUT
DE PARIS

não hesitam em purgar-se quando precisão Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomalas, a hora e refeição que mais che convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario.

5 fr. e 2 fr. 50

FABRICA DE MOAGEM DO BOM SUCCESSO
DE
REIS & RAMIRES

Farinha de trigo superfina. Flor		84 rs.	por kilogramma
»	» fina n.º 1	83 rs.	»
»	» » » 2	82 rs.	»
»	» » » 3	81 rs.	»
»	» » » 4	80 rs.	»
»	» » » 5	78 rs.	»
»	» » » 6	76 rs.	»
»	» » » 7	74 rs.	»
Cabecinha		54 rs.	»
Semea superfina		32 rs.	»
» fina		28 rs.	»
» entrefina		26 rs.	»
» grossa		22 rs.	»
Alimpadura		20 rs.	»

Farinha superfina, posta a bordo de 7$700 a 8$500 a barrica

Recebem-se encommendas na fabrica ou no escriptorio

RUA DA ALFANDEGA, 108, 1.º, ESQUERDO

LISBOA

As qualidades distinguem-se pelos seguintes signaes nas saccas:

Farinha superfina flor. Flor
» fina n.º 1—fita branca
» » n.º 2— » » e rosa
» » n.º 3— » cor de rosa
» » n.º 4— » riscada
» » n.º 5— » rosa e preta

Farinha fina n.º 6—fita preta
» » n.º 7— » preta e riscada
Semea superfina —fita branca
» fina—fita rosa
» entrefina—fita riscada
» grossa—fita preta

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

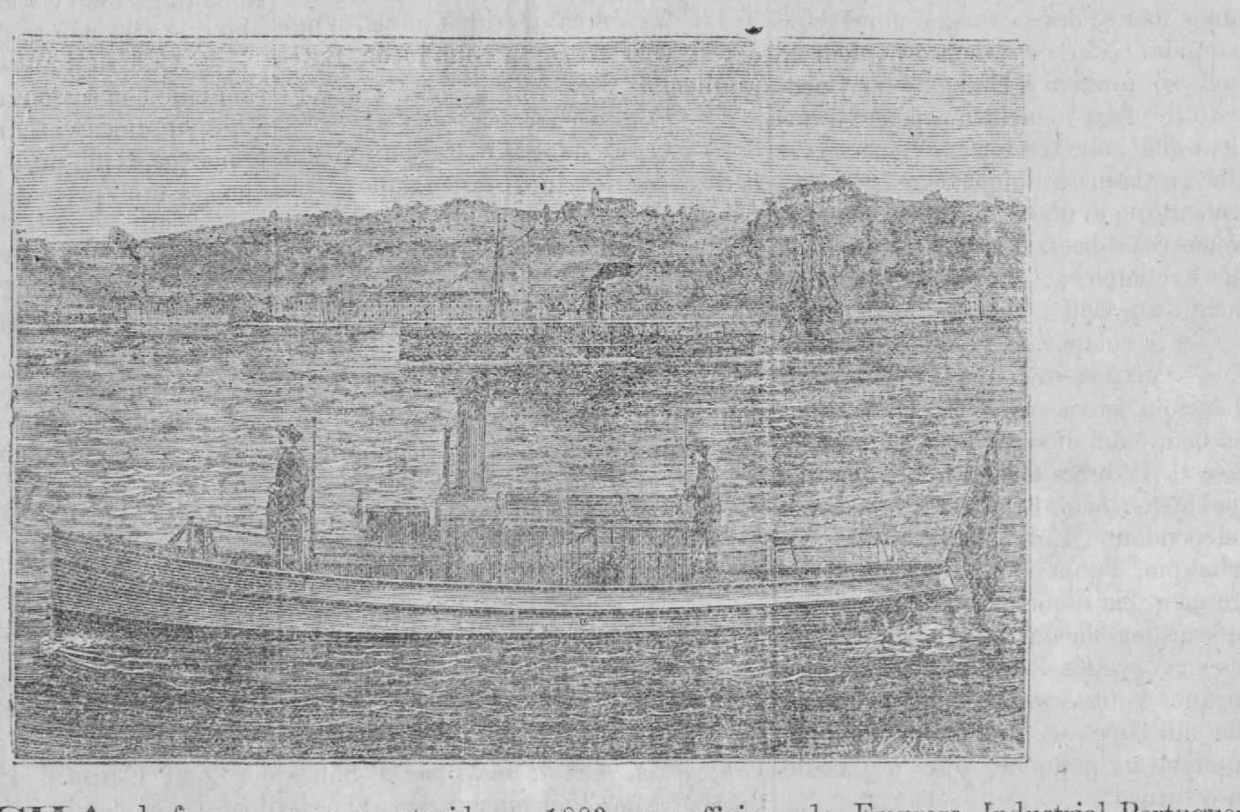
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



LANCHA de ferro a vapor, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, macinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e oendese tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza, Santo Amaro—LISBOA.

CARNE, FERRO e QUINA

O mais fortificante dos **Alimentos** alliado aos **Tonicos** mais reparadores.

VINHO FERRUGINOSO AROUD

EXTRAHIDO DE TODOS OS PRINCIPIOS SOLUVEIS DA CARNE

CARNE, FERRO e QUINA! Dez annos de exito constante e as affirmações das mais altas sumidades da sciencia medica, provam que a associação da **Carne**, do **Ferro** e da **Quina**, constitue o mais energico reparador ate hoje conhecido para curar: a *Chlorose*, a *Anemia*, a *Menstruação dolorosa*, a *Pobresa* e a *Alteração do sangue*, o *Rachitismo*, as *Affecções escrofulosas e escorbuticas*, etc. O **Vinho Ferruginoso Aroud** é, com effeito, o unico que reune tudo que tonifica e fortifica os orgãos, regularisa e augmenta consideravelmente as forças ou restitue o *Vigor* e puresa do sangue empobrecido, a *Cor* e a *Energia vital*.

Venda por grosso, em Paris, na Pharm.ª de J. FERRÉ, r Richelieu, 102 Successor de AROUD

ESTA IGUALMENTE A VENDA EM TODAS ÁS PRINCIPAES PHARMACIAS DO EXTRANGEIRO.

EXIGIR o nome e a assignatura **AROUD**

PAPIER WLINSI Remedio soberano paraa cura rapida das *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores, etc.;* 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Pariz.

Deposito das pharmacias.—Em todas; Pariz, rue de Seine, 31.

VERITABLES GRAINS de Santé du docteur FRANCK

VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO Dr FRANCK

Aperientes, Estomachicos, Purgativos, Depurativos
Contra a Falta de appetite, Prisão de ventre, Enxaqueca, Vertigems, Congestões, etc.—*Dose ordinaria: 1, 2 á 3 grãos.*
Exigir as CAIXINHAS AZUES com o rotulo em 4 CORES e o Sello da União dos Fabricantes
Em PARIZ, Pharmacia **LEROY**.—Depositos em todas as principaes Ph.^as.

CONTRA A DEBILIDADE

Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & F.^os, unica legalmente auctorisada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicado

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

A PRESTAÇÕES

DE

500 RÉIS SEMANAES

A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje.
Não tem rival.
E' a rainha das machinas.
As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

COMPANHIA FABRIL SINGER

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

CONCURSO

PERANTE a Camara Municipal de Aveiro se acha a concurso, por espaço de 30 dias, o provimento da cadeira de ensino primario elementar, do sexo masculino, do logar de Sarrazolla, freguezia de Cacia, com o ordenado annual de 100$000 reis e respectivas gratificações.

Aveiro e Secretaria da Camara Municipal 15 de junho de 1888.

Servindo de Presidente, o Vereador
Antonio Vieira dos Santos.

SAUDE A TODOS Medicina com purgantes, sem despezas, com o uso da diliciosa farinha de *Saude*,

REVALESCIÉRE

DU BARRY, DE LONDRES

40 annos de invariavel successo

Combatendo as indigestões (dispepsias), gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, amargos na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, bexigas, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, alta de restauração, oppressão, congestões, mal dos nervos, diabetis, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do halito, dos bronchios, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa do cerebro e do sangue: 100:000 curas, entre as quaes se contam a de S. S. o Papa Pio IX, de S. M. o Imperador da Russia, do duque de Pluskow, das ex.^mas sr.^as marqueza de Brahan, duqueza de Castlestuart, dos ex.^mos srs. lord Stuart de Decies, par de Inglaterra, o doutor e professor Wurzer, o professor e doutor Benecke, etc., etc.

N.º 49:842: Mme Marie Joly, de cincoenta annos de constipação, indigestão, nervose, nesminlas, asthma, tosse, flatos, espasmos e nauseas.—N.º 46:270: M. Roberts, de uma constipação pulmonar, com tosse, vomitos, constipação e surdez de 25 annos.—N.º 46:210: O doutor em medicina Martin, d'uma gastralgia e irritação de estomago, que o faziam vomitar 15 a 18 vezes por dia, durante oito annos.—N.º 46:218: o coronel Watson, de gotta, nevralgia e constipação obstinada.—N.º 18:744: O doutor em medicina Shorland, de uma hydropisia e constipação.—N.º 49:522: M. Baldwin, completa prostração, paralysia de membros, em consequencia de excessos da mocidade.

Cura n.º 80:416: O sr. doutor Benecke, professor de medicina na Universidade, refere-se da maneira seguinte á clinica de Berlim, em 8 de abril de 1872:

«Nunca esquecerei que devo a vida de um de meus filhos á *Revalesciére du Barry*.

«A creança, na idade de quatro mezes, soffria, sem causa apparente, uma atrophia completa, com continuos vomitos, que resistiam a todos os tratamentos da sciencia medica. A *Revalesciére* restabeleceu-lhe completamente a saude em seis semanas.»

Seis vezes mais nutritiva do que a carne, sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.

Preços fixos da venda em toda a peninsula.—Em caixas de folha de lata, de 1/4 kilo, 500 reis; de 1/2 kilo, 800 reis; de 1 kilo, 1$400 reis; de 2 1/2 kilos, 3$200 reis; de 6 kilos, 6$000 reis.

O melhor chocolate para a saude é o *Revalesciére Chocolatada;* ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar; os preços são os mesmos da *Revalesciére.*

DU BARRY & C.ª LIMITED—8, rue Castiglione, Paris; 77, Regent Street.—Londres.

Depositos—Em Aveiro: F. E. da Luz e Costa, pharmacia.

No Porto: Cassels & C.ª, 127, rua de Nousinho da Silveira.

PILULAS DE BLANCARD
DE
IODURETO DE FERRO INALTERAVEL

NOVA-YORK — *Approvadas pela Academia de Medicina de Paris, Adoptadas pelo Formulario official francez, Autorisadas pelo Conselho medico de São-Petersburgo* — PARIS
1853 — 1855

Estas pilulas, em que achão-se reunidas as propriedades do **Iodo** e do **Ferro**, convém especialmente nas doenças tão variadas que são a consequencia do germe escrofuloso (*tumores, enfartes, humores frios*, etc.), doenças contra as quaes os simples ferruginosos são inefficazes; na **Chlorosis** (*pallidez das meninas não menstruadas*), a **Leucorrhea** (*fluores brancos* ou *fluxo alvo*), a **Amenorrhea** (*Menstruação nulla ou difficil*), a **Tisica**, a **Syphilis constitucional**, etc. Emfim, offerecem aos medicos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.

N. B. — O iodureto de ferro impuro ou alterado é um medicamento infiel, irritante. Como prova da pureza e authenticidade das verdadeiras **Pilulas de Blancard**, exija-se o nosso sello de prata reactiva, o timbre da *Union des Fabricants* e a nossa assignatura aqui juncto. *Blancard*

Pharmac.ª em Paris, rue Bonaparte, 40
DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

A FATEIXA

Publicação mensal sobre coisas... portuguezas. Um volume de 180 paginas collaborado por escriptores distinctos, 200 reis. Deposito na livraria de Barros & Filha, rua do Almada, 104 a 114, Porto

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS PARA AS FAMILIAS

Preço de assignatura

Um anno	4$200
Seis mezes	2$100
Numero avulso	200

Assigna-se na livraria de E. Chardron—Lugan & Geneliox successores Porto.

UNIVERSO ILLUSTRADO
Semanario de Instrucção e Recreio

—

EDITORES, CAMPOS & C.ª, LIVREIROS

Rua Augusta, 88

LISBOA

Segunda série—Segundo anno. Publicados 5 volumes de quatrocentas dezesseis paginas cuda um. Em publicação do 6.º vol

RAMALHO ORTIGÃO

JOHN BULL

depoimento d'uma testemunha ácerca de alguns aspéctos da vida e da civilisação ingleza

1 vol. 600 reis, pelo correio 630 réis

A' venda na livraria Chardron de Lugan & Genelioux, successores. Clerigos, 98—Porto.

ALBUM DE COSTUMES PORTUGUEZES

AGUARELLAS
DE
Alfredo Roque Gameiro, Columbano Bordallo Pinheiro, Condeixa, Malhôa, Manuel de Macedo, Raphael Bordallo Pinheiro e outros.

ARTIGOS DESCRIPTIVOS
DE
Fialho d'Almeida, Julio Machado, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Xavier da Cunha

Publicação quinzenal aos fasciculos

Assigna-se na casa editora de David Corazzi, Lisboa, Rua da Atalaya, 40 a 52. e na Filial do Porto, Praça de D. Pedro, 127 1.º andar.

O TESTAMENTO VERMELHO

Ultima producção de Xavier de Montépin, em cinco ou seis volumes, illustrados com 15 chromos-lithographias, aguarelladas por Manuel de Macedo e executadas na lithographia Guedes. Traducção de A. M. da Cunha e Sá.

10 reis cada folha, 10 reis cada chromo, 20 reis cada capa habilmente colorida. Brindes a todos os srs. assignantes: Um almanach illustrado para 1889 e a capa do 1.º volume colorida.

Lisboa e Porto, 60 reis por semana, pagos no acto da entrega; provincias, 120 reis, de duas em duas semanas, pagos adeantadamente. Pedidos de assignaturas ou requisição de prospectos, em Lisboa, á casa editora David Corazzi, 40, Rua da Atalaya, 52, ao Deposito, Rua dos Retrozeiros, 153 —1.º andar e a todas as livrarias.—No Porto, á Filial da casa, Praça de D. Pedro 127, 1.º e ás principaes livrarias.—Na provincia, aos srs. correspondentes.

METHODO JOAO DE DEUS

A direcção da *Associação das escolas moveis pelo metodo João de Deus* roga aos srs. professores, professoras e mais pessoas habilitadas no dito methodo pelo proproauctor e tambem pelos professores das *Escolas moveis* a fineza de communicarem a esta direcção—Largo do Terreiro do Trigo n.º 9—com a possivel brevidade e em bilhete postal, os seus nomes, residencia e data dos respectivos diplomas.

SILVIO PELLICO

AS MINHAS PRISÕES

TRADUCÇÃO
DE
CUNHA QUEIROZ

Um elegante volume in-8.º, de 332 paginas, illustrado, com magnifico papel. Preço 400 reis, pelo correio 450 réis. Pedidos aos editores Campos & C.ª, 86, rua Augusta, 88—Lisboa.

BAPTISTA DINIZ

OS GAGOS

Comedia n'um acto para 4 homens e 1 senhora.

Preço . . . . 120 réis

Pedidos ao auctor em PORTALEGRE

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE
Largo da Vera-Cruz
AVEIRO